

INSTITUTO FEDERAL

Rio de Janeiro

Campus Arraial do Cabo

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *LATO SENSU*
ESPECIALIZAÇÃO EM CIÊNCIAS AMBIENTAIS EM ÁREAS
COSTEIRAS**

Campus Arraial do Cabo

Mônica Teixeira de Aguiar

**DESAFIOS E POTENCIAIS DA PRESERVAÇÃO DA CULTURA POPULAR:
reflexões sobre um Mestre Sabedor da Prainha – Arraial do Cabo**

Arraial do Cabo – RJ

2020

Mônica Teixeira de Aguiar

**DESAFIOS E POTENCIAIS DA PRESERVAÇÃO DA CULTURA POPULAR:
reflexões sobre um Mestre Sabedor da Prainha – Arraial do Cabo**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Especialista em Ciências Ambientais em Áreas Costeiras.

Orientadora: Prof.^a Dra. Maria Aparecida Gomes Ferreira

Arraial do Cabo – RJ

2020

Ficha catalográfica elaborada por
Mônica de Oliveira Tinoco
CRB7 4850

A282

Aguiar, Mônica Teixeira de.

Desafios e potenciais da preservação da cultura popular:
reflexões sobre um Mestre Sabedor da Prainha – Arraial do
Cabo/ Mônica Teixeira de Aguiar. – Arraial do Cabo, RJ, 2020.
73 f.: il.; 21 cm.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em
Ciências Ambientais em Áreas Costeiras) – Instituto Federal de
Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, 2020.

Orientador: Profa. Dra. Maria Aparecida Ferreira.

1. Pesca artesanal – Arraial do Cabo (RJ). 2. Cultura
popular – Arraial do Cabo (RJ). I. Ferreira, Maria
Aparecida. II. Título.

IFRJ/CAC/CoBib

CDU 639.2.081(815.3)

Mônica Teixeira de Aguiar

**DESAFIOS E POTENCIAIS DA PRESERVAÇÃO DA CULTURA POPULAR:
reflexões sobre um Mestre Sabedor da Prainha – Arraial do Cabo**

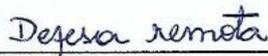
Trabalho de conclusão de curso apresentado
como parte dos requisitos necessários para a
obtenção do título de especialista em
Ciências Ambientais em Áreas Costeiras

Data da aprovação: 04 de novembro de 2020.



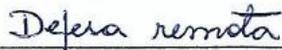
Prof.ª Dra. Maria Aparecida Gomes Ferreira (orientadora)

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro – IFRJ



Prof. Me. Murilo Minello

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro – IFRJ



Prof. Me. Marcelo Japiassú

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro – IFRJ

Arraial do Cabo – RJ

2020

In memoriam do meu querido pai Paulo Sérgio de Aguiar

AGRADECIMENTOS

Em especial, agradeço a Deus, a minha mãe Ana Maria Teixeira de Aguiar e ao meu pai Paulo Sérgio de Aguiar por terem me dado a vida, aos meus queridos irmãos Ricardo Teixeira de Aguiar e Patrícia Aguiar Barroso; e aos meus sobrinhos João Rodrigues Aguiar, Luíza Rodrigues Aguiar, Mateus Aguiar Barroso e Júlia Aguiar Barroso pela compreensão nos momentos de ausência; à D. Layde Martyres Bezerra, por ser minha primeira referência em Arraial do Cabo e me acolher como parte da sua família, ao sociólogo Paulo Sérgio Barreto por compartilhar suas pesquisas sobre a cultura da pesca em Arraial do Cabo, e me apresentar a alguns Mestres Sabedores do município.

Agradeço do fundo do coração todos os momentos vividos e compartilhados com o Mestre carpinteiro naval Harildo Francisco e a Mestra rezadeira Jovenir dos Santos, que me permitiram adentrar no seu mundo, me receberam com todo o carinho em sua casa e compartilharam suas vidas e histórias. Recebam a minha mais profunda gratidão!

Do mesmo modo, agradeço a minha orientadora Maria Aparecida Gomes Ferreira que mesmo diante de tantas adversidades acreditou no projeto e me apoiou na retomada à pesquisa, à coordenadora da Pós Graduação Ana Paula Silva e a todos os professores do Curso de Pós-graduação em Ciências Ambientais em Áreas Costeiras, pela dedicação, paciência e sabedoria.

Também, sou grata aos meus colegas de turma, amigos que levarei para a vida, Paloma Sarepta, Camila, Débora, Hervaldir, Wallace e Yagho, pela amizade e companheirismo em todas as horas que passamos juntos. E aos meus queridos amigos da canoa havaiana Maluhia por me proporcionarem momentos únicos de conexão com o mar dando-me força para seguir adiante. E a todos meus amigos pelo incentivo e paciência nos momentos difíceis.

Agradeço também, ao meu maior presente de 2020, que foi ter conhecido a família Garcia, Fernanda, Fábio e Lívio, que me revigoraram a força de seguir adiante, e mesmo durante um momento difícil que assola a humanidade com a pandemia do Covid-19, esta amizade me trouxe esperança no futuro e a certeza de que sonho que se sonha junto se torna realidade. Juntamente com eles, tenho a oportunidade diariamente de contribuir com o sonho do nosso amado Mestre. O caminho é longo, mas sigo confiante no poder do universo em conspirar a favor de tudo o que é o verdadeiro e feito com amor.

“Os educadores, antes de serem
especialistas em ferramentas do saber,
deveriam ser especialistas em amor:
intérpretes de sonhos”.

Rubem Alves

AGUIAR, Mônica T. Desafios e Potenciais da Preservação da Cultura Popular: reflexões sobre um Mestre Sabedor da Prainha. f. 72. Trabalho de conclusão do Curso de Especialização em Ciências Ambientais em Áreas Costeiras. Programa de Pós-graduação *lato senso* do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), Campus Arraial do Cabo, Arraial do Cabo, RJ, 2020.

RESUMO

Arraial do Cabo no estado do Rio de Janeiro é considerado um dos locais mais tradicionais da pesca artesanal no litoral fluminense. A cultura popular se manifesta a partir da tradição da pescaria com o uso de canoas de boçarda e organização social do trabalho em sistema de companhias da pesca.

Considerando como uma possível compreensão do conceito de cultura, a ideia de ela ser derivada de natureza e de trabalho, e significando modo de vida, venho trazer nesta pesquisa a voz e os conhecimentos do Mestre carpinteiro naval Harildo Francisco, participante da proposta do *Circuito dos Mestres Sabedores da Cultura Popular*.

O *Circuito dos Mestres Sabedores* é um movimento sociocultural, que busca trazer visibilidade a tradição pesqueira no município, com foco na salvaguarda do Patrimônio Cultural Material e Imaterial local. Os Mestres Sabedores são mestres da sabedoria popular, e o saber popular está intimamente ligado as práticas pesqueiras que envolvem diversas artes no município.

Em 2017 a figura e identidade do pescador foi reconhecida como patrimônio cultural, histórico e imaterial do Estado do Rio de Janeiro. Entende-se por Patrimônio Cultural Imaterial, as práticas, expressões, conhecimentos e técnicas de grupos tradicionais, que foram passadas de geração em geração e que são reconhecidas como parte integrante da diversidade cultural brasileira.

Desta forma, esta pesquisa busca refletir sobre a importância cultural do Mestre Harildo, morador da Prainha e um dos únicos restauradores de canoas de boçarda do município de Arraial do Cabo. Buscou-se identificar saberes, histórias e práticas culturais exercidas no seu paiol da pesca, relevantes a cultura e a tradição pesqueira do município e sua relação com o *Circuito dos Mestres Sabedores da Cultura Popular*.

Palavras-chave: Arraial do Cabo. Canoas de boçarda. Cultura. Mestre Harildo. Mestres Sabedores da Cultura Popular. Patrimônio. Pesca Artesanal. Tradição.

AGUIAR, Mônica T. Desafios e Potenciais da Preservação da Cultura Popular: reflexões sobre um Mestre Sabedor da Prainha. f. 72. Trabalho de conclusão do Curso de Especialização em Ciências Ambientais em Áreas Costeiras. Programa de Pós-graduação *lato senso* do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), Campus Arraial do Cabo, Arraial do Cabo, RJ, 2020.

ABSTRACT

Arraial do Cabo, in Rio de Janeiro is considered one of the most traditional places of artisanal fishing in the *fluminense* coast. The popular culture is expressed by the traditional artisanal fishing with canoes and social work organization based on a system called *companhas*.

Considering the culture concept, as derived from nature and work and representing a way of life, I bring in this research the voice and knowledge of Marine Carpenter Master Harildo Francisco dos Santos, who is participant of the proposal of *Circuito dos Mestres Sabedores da Cultura Popular*. The *Circuito dos Mestres Sabedores* is a social cultural movement, that intents to bring visibility to the fishing tradition in town, with focus on safeguarding the material and immaterial culture heritage. The *Mestres Sabedores* are the masters of the popular knowledge that comes from artisanal fishing techniques that evolves different types of arts in town.

In 2017, the figure and identity of the artisanal fishermen was recognized as immaterial culture heritage of Rio de Janeiro. Immaterial cultural heritage refers to the practices, expressions, knowledge and techniques of traditional groups, which were passed from one generation to another and recognized as part of the Brazilian culture diversity.

In this way, this research aims to reflect about the cultural importance of *Mestre Harildo*, resident in the neighborhood of Prainha, in Arraial do Cabo. He is also one of the last canoes restorers in town. We sought to identify the production of knowledge, narratives and culture practices performed in his work place, that are relevant to the culture and fishing tradition of Arraial do Cabo, and his relationship with *Circuito dos Mestres Sabedores da Cultura Popular*.

Keywords: Arraial do Cabo. Artisanal Fishing. Canoes. Culture. Heritage. Mestre Harildo. Masters. Popular Knowledge. Tradition.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura - 01	Pescaria de gancho na Praia da Graçainha.	22
Figura - 02	Denominações de partes de uma canoa de boçarda.	26
Figura - 03	Painel do <i>Circuito dos Mestres Sabedores da Cultura</i> .	27
Figura - 04	A canoa “Trovão” (antiga “Furador”) sendo restaurada.	42
Figura - 05	A canoa “Trovão” restaurada no Porto de Canoas da Prainha.	42
Figura - 06	M. Harildo restaurando a canoa “Cação”.	46
Figura - 07	M. Harildo com algumas das suas ferramentas.	48
Figura - 08	Ferramentas tradicionais: enxó, arco de puia e serrote.	48
Figura - 09	Mestre Harildo Francisco dos Santos.	57
Figura - 10	Oficina Escola Naval Mestre Harildo.	61

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 CULTURA POPULAR, TRADIÇÃO E COMUNIDADE	14
1.1 CULTURA PESQUEIRA	17
1.1.1 Pesca artesanal	20
1.1.2 Canoas de boçarda	24
2 MESTRES SABEDORES E PATRIMÔNIO CULTURAL	28
2.1 CIRCUITO DOS MESTRES SABEDORES DA CULTURA POPULAR	31
3 METODOLOGIA DE PESQUISA	35
4 ANÁLISE DE DADOS	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
REFERÊNCIAS	63
ANEXOS	68

INTRODUÇÃO

A palavra cultura é um dos conceitos mais complexos que existe (EAGLETON, 2005; WILLIAMS, 2007). Isso ocorre, segundo Williams (2007), devido a dois fatores: a palavra foi conceituada ao longo da história por diferentes linhas de pensamento e disciplinas; e obteve distintos significados na tradução para diferentes línguas europeias. De acordo com Eagleton (2005, p.53), Raymond Williams sugere em seu livro *Culture and Society (1780-1950)* “quatro diferentes significados para cultura; como hábito mental individual; como estado de desenvolvimento intelectual de toda uma sociedade; como um conjunto de artes; como forma de vida global de um grupo de pessoas ou de um povo”.

Podemos dizer que o presente trabalho se sustenta no último significado apresentado: o de cultura como manifestações de vida de um grupo de pessoas ou de um povo. Com este olhar e nesta linha de pensamento, a ideia de cultura foi definida, pela primeira vez, pelo inglês Edward Tylor, em 1861. Segundo Eagleton (2005, p.52)

cultura pode ser resumida como o complexo de valores, costumes, crenças e práticas que constituem a forma de um grupo específico. Trata-se desse “todo complexo”, nas famosas palavras do antropólogo E.B. Tylor na sua *Primitive Culture*, “que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”.

Com essa perspectiva, no final de 2018, encontramos a proposta do *Circuito dos Mestres Sabedores da Cultura Popular*, no município de Arraial do Cabo. Trata-se de uma iniciativa do sociólogo Paulo Sérgio Barreto, com apoio do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, ICMBio, da Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo, RESEX Mar-AC, e do Programa das Nações Unidas para Desenvolvimento, PNUD. Segundo o relatório de Atividades do *Circuito* (2018), esta proposta propõe a participação de 10 grupos e/ou representantes da pesca tradicional de Arraial do Cabo e tem como objetivo dar visibilidade aos Mestres Sabedores do município, a partir da instalação de estruturas interpretativas em dez locais, sendo estes, moradias, espaços de trabalho e/ou paióis de pescadores.

No caso de Arraial do Cabo, a cultura popular está intimamente relacionada às tradições da pesca artesanal (BRITTO, 1999; FERREIRA, 2012; FERREIRA; FIALHO, 2013; BARRETO,

2015a). Como é possível perceber, inclusive, no trecho abaixo do folder com informações sobre o *Circuito dos Mestres Sabedores da Cultura Popular*.

Os Mestres Sabedores da Cultura Popular são como “tesouros humanos vivos” que possuem conhecimentos, habilidades, artes, práticas, ofícios, maestrias e capacidades de transmitir através da oralidade e do saber-fazer, as experiências e as vivências para novos aprendizes visando à formação, a transmissão e o aprendizado em EA – Educação Ambiental, com guiamento pedagógico, para o público de estudantes (crianças, adolescentes e jovens) e na visitação de moradores, visitantes e turistas. Em particular, para os pescadores tradicionais, a restinga, as beiras de praias, os costões e o ambiente marinho ordenam os ciclos e os recursos vitais da pesca na construção das subjetividades e das identidades culturais vinculados às paisagens culturais e naturais (FOLDER¹, ANEXO I).

Tendo em vista essas breves notas sobre esse contexto social e cultural, esta pesquisa objetiva, então, refletir a importância cultural do Mestre Harildo Francisco dos Santos *no Circuito dos Mestres Sabedores da Cultura Popular*, residente na Prainha, Arraial do Cabo. Nesse percurso, procurei fazer um levantamento das práticas culturais relacionadas à pesca artesanal realizada com canoas de boçarda e ao ofício do Mestre Harildo Francisco. Vale lembrar, como apontam Chartier (1995) e Abreu (2003), que a cultura popular acaba sendo sempre definida ou delimitada pelos acadêmicos ou eruditos, na qual pouco se encontra, se ouve ou se vê a voz e a perspectiva do sujeito em si, representante vivo da cultura popular, ou do Mestre Sabedor, neste caso. Além disso, por reconhecer a ausência de estudos e pesquisas que busquem ouvir as vozes dos moradores e pescadores do bairro da Prainha (PRADO, 2002; FERREIRA, 2020), em Arraial do Cabo, optamos por trazer, neste estudo, visibilidade a um Mestre Sabedor da Prainha.

Ou seja, conforme será melhor explicado no capítulo de Metodologia, a escolha por Mestre Harildo se dá, então, principalmente por dois motivos: 1) pela ausência de pesquisas e estudos que tematizem a importância das canoas de boçarda e a restauração das mesmas por M. Harildo Francisco, como parte da salvaguarda do patrimônio cultural da pesca artesanal de Arraial do Cabo e 2) pela identificação de uma prática de racismo ambiental², representado pela

¹ O texto do folder é uma síntese oriunda das entrevistas e narrativas filmadas sobre o *Circuito dos Mestres Sabedores da Cultura Popular* e da Sala Expositiva Mestre Chonca nas ações em Educação Ambiental.

² “O conceito diz respeito às injustiças sociais e ambientais que recaem de forma desproporcional sobre etnias vulnerabilizadas. (...) a um tipo de desigualdade e de injustiça ambiental muito específico: o que

ausência de pesquisas e estudos que tragam visibilidade às vozes e aos saberes de moradores do bairro da Prainha, majoritariamente negros, assim como suas dificuldades e demandas sociais (PRADO, 2002; FERREIRA, 2020). Assim, o presente trabalho tem por objetivo responder a seguinte pergunta de pesquisa: “como a voz e os conhecimentos do Mestre Harildo Francisco se relacionam com a proposta do *Circuito dos Mestres Sabedores da Cultura Popular de Arraial do Cabo*?”

Para chegar a essa resposta será necessário, primeiramente, realizar uma breve descrição sobre a história e tradição da pesca em Arraial do Cabo, descrever a proposta do referido “Circuito”, refletir sobre sua relação com a cultura popular e a tradição da pesca em Arraial do Cabo para, por fim, identificar na voz e nos saberes do Mestre Harildo essa importância cultural.

Nesse sentido, a leitura de Prado (2002) e Pereira (2009) foi essencial para compreender o Arraial antigo, assim como algumas segregações raciais e sociais do município também citadas em Ferreira (2020). Do mesmo modo, a leitura de Britto (1999), Ferreira e Fialho (2013) e Barreto (2015a) me mostraram a importância e urgência de preservar essa tradição pesqueira e perpetuar os saberes da pesca para as futuras gerações. Do mesmo modo, as pesquisas de Barreto (2015a), Barreto (2015c), Hazanaki *et. al* (2019), Iphan (2011), me forneceram importantes dados sobre as canoas de boçarda, patrimônio naval da cidade, como bem aponta S. Dok, um antigo pescador também da Prainha, hoje com 90 anos, ao afirmar que:

Mas isso que vocês estão fazendo é muito importante, porque amanhã ou depois eu não vou estar aqui. Mas a senhora está em evolução. A senhora vai estar aqui e vai mostrar “olha quem foram os nativos! Eu conversei com eles! Eles me mostraram que lugar é esse aqui”. Porque da geração do meu filho pra cá, eles não sabem a história do Arraial. O que eu alcancei e passei, eles não passaram. Então, ter uma pessoa que vai mostrar pra essa geração de agora como era antigamente é bom porque vai deixar eles abismados e perguntar “poxa, mas o Cabo era assim?”. Eu vou fazer uma comparação: o que os escravos passaram nós não vimos, só eles mesmo que sabiam. Agora nós podemos conhecer o cordel dos escravos, o que eles padeceram, o que sofreram, foi a classe que mais sofreu e a gente não sabe. Então, os filhos da nossa geração não sabem o que eu passei, mas a senhora está apanhando isso enquanto ainda está em tempo. (FERREIRA; FIALHO, 2013, p.33).

recai sobre suas etnias, bem como sobre todo grupo de populações ditas tradicionais – ribeirinhos, extrativistas, geraizeiros, pescadores, pantaneiros, caiçaras, vazanteiros, ciganos, pomeranos, comunidades de terreiro, faxinais, quilombolas etc.” (HERCULANO 2008, p.16).

1 CULTURA POPULAR, TRADIÇÃO E COMUNIDADE

A palavra cultura procede da própria ideia de natureza, sendo que “um dos seus significados originais é lavoura ou cultivo agrícola” (EAGLETON, 2005, p.9). Neste contexto, cultura referia-se à uma atividade humana na lavoura e ao cuidado daquilo que se desenvolve de forma natural (WILLIAMS, 2007) e este foi o significado mais utilizado do decorrer do séc. XVI ao início do séc. XIX.

A partir do movimento romântico alemão liderado pelo filósofo e escritor alemão Herder, no início do século XIX, a palavra cultura fica mais próxima de como a entendemos hoje, como um modo de vida de um povo. Segundo Hartman, Herder foi o primeiro a utilizar o termo cultura relacionado a “uma cultura de identidade; um modo de vida social, populista e tradicional, caracterizado por uma qualidade que tudo permeia e faz uma pessoa se sentir enraizada ou em casa” (EAGLETON, 2005, p.43).

Este movimento liderado por Herder e os irmãos Klemm foi o precursor do folclore, que tem origem no termo “folk” que significa povo e “lore” que significa saber, entendido como o conjunto das “tradições culturais de um país ou região” e viria a dar origem ao conceito de cultura popular (ABREU, p.1).

O termo cultura popular também é outro termo bastante complicado para se deter a uma única definição (ABREU, 2003). Cultura popular foi definida pelo historiador inglês, Peter Burke, como “um sistema de significados, atitudes e valores compartilhados e as formas simbólicas (apresentações – formas de comportamento, como festas e violência - e artefatos – construções culturais, como categorias de doença ou política) nas quais elas se expressam ou se incorporam” (ABREU, 2003, p.8). Outro importante historiador inglês, Thompson, salientou a importância do tema também ser incluído nas lutas dos movimentos sociais e a aprofundamento das pesquisas de forma a gerar conhecimento de práticas de outras épocas na história (ABREU, 2003). Canclini (ABREU, 2003) defendia que as culturas populares poderiam ser híbridas, ou seja, poderiam se desenvolver de forma harmoniosa com outras culturas, ainda “pode servir para se enfrentar a globalização (...) reforçando a perspectiva de existência de diferentes significados sociais em torno das manifestações culturais coletivas” (ABREU, 2003, p.12).

Considerando como uma possível compreensão do conceito de cultura a ideia de ela ser derivada de natureza e de trabalho, e significando modo de vida, venho trazer nesta pesquisa a voz e os conhecimentos do Mestre carpinteiro naval Harildo Francisco, participante da proposta

do *Circuito dos Mestres Sabedores da Cultura Popular*, buscando refletir como o seu saber fazer e seu ofício são importantes para a cultura e tradição da pescaria com canoas de boçarda em Arraial do Cabo. O *Circuito dos Mestres Sabedores* é um movimento sociocultural que busca trazer visibilidade à tradição pesqueira no município e promover um intercâmbio com moradores e visitantes, a partir de oficinas do saber-fazer e visitas com contações de “causos” e histórias locais, com foco na salvaguarda do Patrimônio Cultural local.

Arraial do Cabo é considerado um dos locais mais tradicionais da pesca artesanal do estado do Rio de Janeiro e, até parte da década de 1950, a pesca era a principal fonte de renda da população cabista³ (MENDONÇA et al., 2013, p.379). De acordo com o sociólogo americano Edward Shills, na obra *Tradition* (1981), tradição é “qualquer coisa que é transmitida ou passada do passado para o presente (...) tendo sido criada através de ações humanas (...) pensamento e da imaginação, ela é passada de uma geração para a próxima” (SHILLS, 1981, p. 12 *apud* CASTRIOTA, 2009, p.6). Ainda de acordo com Shills podemos considerar tradição como

todos os padrões consolidados da mente humana, todos os padrões de crença ou modos de pensar, todos os padrões consolidados das relações sociais, todas as práticas técnicas e todos os artefatos físicos ou objetos naturais [que] são suscetíveis a se tornarem objetos de transmissão; cada um deles é capaz de se tornar uma tradição (SHILLS, 1981, p.16 *apud* CASTRIOTA, 2009, p.6-7).

A palavra tradição vem do latim *traditio*⁴. É a ação de entregar, de transmitir algo à alguém, de confiar algo valioso à outra pessoa. A tradição é o cerne de uma cultura, é o legado transmitido pelos antepassados que se expressa por meio de modos de vida, de ser, de fazer, práticas cotidianas, costumes, hábitos, festejos, religião, entre outros. Uma cultura consegue se manter viva enquanto é mantido esse processo de transmissão de valores de geração em geração. De modo geral, esses valores conseguem ser mantidos por grupos sociais que ainda vivem em comunidades e que conseguem manter um modo de vida tradicional que foi transmitido pela geração anterior. A cultura se faz de forma coletiva, em conexão com o passado, ela diz respeito a um conjunto de pessoas que possuem uma tradição.

Assim como os termos cultura, popular e tradição, comunidade é outro conceito bastante complexo e amplo, podendo muitas vezes ser tanto sinônimo, quanto ter significado distinto de

³ Gentílico de pessoas nascidas em Arraial do Cabo.

⁴ Disponível em: <https://www.dicionarioetimologico.com.br/tradicao/>. Acesso em 02.02.2020.

“sociedade”. Ou seja, se, por um lado, sociedade sugere um sentido mais amplo, formal e abstrato, comunidade se refere a relações mais diretas, mais locais e/ou próximas (ALBUQUERQUE, 1999; WILLIAMS, 2007). Nesse sentido, para Williams (2007, p.103), no século XIX, o “sentido de proximidade ou de localidade desenvolveu-se vigorosamente no contexto das sociedades industriais maiores e mais complexas. A palavra comunidade foi normalmente escolhida para referir-se aos experimentos em um tipo alternativo de vida em grupo”. Segundo Albuquerque (1999, p.52), com a chegada da modernidade no Brasil e tudo o que ela oferecia em expectativas de conforto, tanto materiais como imateriais, houve uma desvalorização dos valores baseados em redes familiares e laços comunitários, o que a autora aponta como “desenraizamento do mundo”, ou seja “o desencantamento do mundo e a perda do sentido da vida, colocada dentro do progresso infinito”. A tradição e manutenção da cultura da pesca representam, então, resistência frente à modernidade, conseguindo se manter como uma arte e atividade econômica, baseada em laços de parentesco e/ou amizade ou de comunidade.

É bem recente no Brasil o reconhecimento dos povos e comunidades tradicionais por intermédio de políticas públicas. Segundo Brasil (2012, p.23), “grande parte das manifestações das culturas populares são praticadas por povos e comunidades tradicionais, que ocupam cerca de 25% do território nacional”. Somente no ano de 2007, foi estabelecida a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais⁵, sendo definidos os povos e as comunidades tradicionais como

grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição (BRASIL, Decreto nº 6.040/2007, s/p).

⁵ “Esta política foi fruto do trabalho da Comissão Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, instituída em 2016. Essa comissão, na qual o Ministério da Cultura tem assento, é composta por representantes do governo e da sociedade, incluindo uma representatividade das culturas populares. Representando os povos e comunidades tradicionais (...) os agroextrativistas da Amazônia, Caiçaras, comunidades de Fundo de Pasto, comunidades de Terreiro, remanescentes de Quilombos, Faxinais, Gerizeiros, Pantaneiros, Pescadores Artesanais, Pomeranos, Povos Ciganos, Povos Indígenas, Quebradeiras de Coco-de-Babaçu, Retireiros e Seringueiros” (BRASIL, 2012, p.23).

Entende-se por territórios tradicionais “os espaços necessários à reprodução cultural, social e econômica dos povos e comunidades tradicionais, sejam eles utilizados de forma permanente ou temporária” (Brasil, Decreto nº 6.040/2007, s/p).

Os pescadores artesanais, também conhecidos como praiheiros, jangadeiros, caiçaras ou açorianos (LINSKER; TASSARA, 2005, p.29), geralmente são considerados povos tradicionais caracterizados pela rusticidade e simplicidade da tecnologia usada no seu dia a dia (FERREIRA; FIALHO, 2013, p.15).

As comunidades de pescadores artesanais em Arraial do Cabo mantêm fortes laços e vínculos afetivos entre si, pois vivem o cotidiano do seu território, e principalmente no que refere a auto organização no trabalho da pescaria com canoas, organizada em companhias da pesca. É um trabalho constituído de um conjunto de regras de uso do espaço e do conhecimento tradicional que ressignificam seu modo de estar no mundo e a importância de se trabalhar em equipe. Entende-se conhecimento tradicional na pesca como

um conjunto de práticas cognitivas e culturais, habilidades práticas e saber fazer transmitidas oralmente nas comunidades de pescadores artesanais com a função de assegurar a reprodução de seu modo de vida. (...) Berkes (1993) define este conhecimento como um conjunto cumulativo de saberes e crenças transmitidas culturalmente através gerações sobre a relação dos seres vivos (incluindo os humanos) entre si e com seu meio-ambiente (Gadgil, Berkes e Folke, 1993). Nesse sentido, esse conhecimento não se restringe aos recursos pesqueiros, mas também à organização social, à formação das equipes de pesca, aos meios de comercialização e beneficiamento do pescado (DIEGUES, 2007, p.6).

De acordo com Britto (1999, p.71), a imagem de Arraial do Cabo, como local de pescaria, possui uma interpretação singular, pois representa “uma imagem socialmente construída a partir de condições concretas”, sendo a pescaria de rede, com o uso de canoas de boçarda, o esteio para todas estas relações.

1.1 CULTURA PESQUEIRA

De acordo com Ferreira (2012, p.13), “a pesca é uma atividade antiga e de grande importância não só econômica, mas também cultural e simbólica, já que algumas sociedades foram erguidas material e simbolicamente a partir dessa atividade”. Em Arraial do Cabo, por mais que existam inúmeros obstáculos, ainda se perpetua a cultura tradicional da pesca em um

território cercado por mar abundante em recursos pesqueiros (BRITTO, 1999; PRADO, 2002; FERREIRA, 2012; FERREIRA; FIALHO, 2013; BARRETO, 2015a). Arraial do Cabo é um importante centro de biodiversidade, ocorrendo nesta região um fenômeno único em toda a costa brasileira, a Ressurgência, que traz uma grande diversidade de vida marinha e de fundamental relevância à pesca artesanal, influenciando todos os aspectos do município, desde o clima e a vegetação até a economia e modo de vida; e atraindo muitos visitantes por suas belezas naturais.

O ecossistema marinho abrangido nessa área é uma das mais piscosas do litoral brasileiro, em razão da ocorrência do raro fenômeno da “ressurgência” (*upwelling*) bem junto à costa, beneficiando a pesca artesanal. Essa piscosidade resulta do afloramento de águas frias vindas do polo sul, trazidas pela corrente Água Central do Atlântico Sul (ACAS), ricas em nutrientes inorgânicos (nitratos, fosfatos e silicatos), que, no encontro com correntes marinhas tropicais, fertilizam os fitoplânctons e zooplânctons, a base da cadeia trófica do mar, promovendo o aumento e a abundância da biodiversidade do ecossistema marinho (CARNEIRO, [2006], p.3).

A pesca em Arraial do Cabo é praticada desde os primeiros povos que se têm registro na região. Esta informação é corroborada pelos 20 (vinte) sítios arqueológicos, denominados sambaquis⁶, registrados na região, “as datações obtidas até o momento indicam a primeira ocupação pré-colonial no Arraial do Cabo, a 4.190 anos” atrás (AFONSO *et al.*, 2010, p.139). De acordo com Afonso *et al.* (2010, p.132), até o início da terceira ocupação, “os grupos responsáveis pela construção do sítio eram essencialmente pescadores”, e em relação à pesca podemos destacar, entre os achados arqueológicos, a presença de enchova e sargo de dentes, e restos ósseos de cações, raias e mamíferos marinhos. Estes pescadores-coletores também conhecidos como sambaquieiros “se estabeleceram em áreas extremamente ricas, onde tanto os recursos marinhos como os recursos terrestres estavam disponíveis ao longo do ano” (SCHEEL-YBERT, 2001, *s/p apud* BUARQUE *et al.*, 2004, p.122).

Posteriormente, estas terras foram habitadas pelos índios pertencentes à etnia Tupy Guarani. A região enfrentou diversos confrontos no período de descobrimento do Brasil, devido

⁶ “Sambaqui é o testemunho da ocupação de caçadores-coletores que colonizaram a região costeira do Brasil. É uma elevação construída com restos de animais (conchas, ossos de peixes, aves, mamíferos e répteis), dispostos junto com esqueletos humanos, restos de fogueiras e, eventualmente, evidências de habitação”. Disponível em: <http://www.museunacional.ufrj.br/guiaMN/Guia/paginas/7/sambaquis.htm>. Acesso em: 20.03.2020.

a grande riqueza de pau-brasil encontrada nesta parte do litoral brasileiro, sendo o marco inicial, o ano de 1503, quando chegaram três naus enviadas por Portugal, na Praia da Rama, atual Praia dos Anjos, sendo o capitão de uma delas, o conquistador Américo Vespúcio (PRADO, 2002).

De acordo com Prado (2002), os primeiros europeus que chegaram à Arraial do Cabo vieram da Ilha de Madeira e Açores, originários de Póvoa de Varzim. “As raízes da pesca penetram na história até o século XVIII, momento em que se consolida a conquista portuguesa através da exploração dos arrendamentos do direito de pescar chamados ‘pescarias’, sobre os quais há documentação que data desde 1729” (SÁ, 1987 *apud* PRADO, 2002, p. 29). Os indígenas já pescavam com linha, utilizando-se de linhas de tucum⁷, enquanto os europeus inseriram o uso das redes de pesca nas “pescarias”, que se espalharam para diversas praias da região (BERNARDES; BERNARDES, 1950).

Descendentes de índios tupinambás e europeus, os cabistas viviam exclusivamente da pesca e dos frutos da restinga; não havia luz e nem água encanada em Arraial do Cabo (PEREIRA, 2010; FERREIRA; FIALHO, 2013). Os “cantos” das praias do município eram como “aldeias” de pescadores (BARRETO *et al.*, 2015a) e “só era possível chegar pelo mar ou caminhando pela areia” (PEREIRA, 2009, p.186), não havia estradas e o transporte do pescado era feito em lombos de burro. Assim se moldou a cultura do Arraial do Cabo, vivenciando a natureza como parte da sua existência e balizadora da reprodução de seu grupo social.

A partir da década de 1950, a cultura local começou a sofrer influências externas com a instalação da principal empresa de produtos químicos do Brasil, a Companhia Nacional Álcalis, CNA⁸, que iniciou a operação em 1960 (PEREIRA, 2009). Essa companhia causou uma profunda mudança na paisagem regional e identidade local, ocasionada pela chegada de imigrantes de diversas partes do país e que alterou as relações de trabalho até então praticadas e “provocaria a incorporação massiva e definitiva dos pescadores ao seu exército de trabalhadores” (BRITTO, 1999, p.16).

Em 1970, com a inauguração da Ponte Rio-Niterói, a cidade começou a despontar também como destino turístico (MENDONÇA, 2013), o que causou um crescimento de restinga

⁷ “Pequena palmeira espinhosa, de cujas folhas se obtém uma fibra comprida e forte, semelhante à lã, empregada para fazer tecido grosseiro para sacos, redes, linha de pesca etc”. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/tucum>. Acesso: 01.04.2020.

⁸ Empresa estatal criada na década de 40, durante o Governo Vargas, e implantada na administração de Juscelino Kubitscheck, visando o monopólio nacional na produção e comercialização da barrilha, nome comercial do carbonato de sódio, composto de sal marinho e calcário, que constitui insumo básico utilizado na indústria de vidros, pastas de papel, tecidos, materiais explosivos, etc. (MASSA, 1967, p. 1967-200 *apud* BRITTO, 1999, p.23, informações verbais da empresa).

desordenado no município, tendo como consequência o desmatamento e ocupações em área para atender a especulação imobiliária, acarretando em precariedade da infraestrutura urbana, resultando na perda do espaço da pesca e a não valorização da cultura tradicional.

A atividade da pesca foi, por diversos anos, a principal fonte de renda da economia local, que chegava a receber toneladas de pescados, revendidos nas principais cidades do país (PREFEITURA MUNICIPAL DE ARRAIAL DO CABO, 2017). Atualmente, as principais atividades econômicas desempenhadas no município estão relacionadas ao setor Terciário, na prestação de serviços no turismo (ARAÚJO, 2018). Na realidade, grande parte da população de Arraial do Cabo de algum modo vive do mar independente da atividade exercida. E a despeito das muitas mudanças já vividas, os moradores ainda mantêm um elo de pertencimento ao mar, pois utilizam de seus recursos como fonte de subsistência, renda, cultura e lazer.

1.1.1 Pesca Artesanal

A pesca artesanal é uma “atividade extrativista constituída por um complexo conjunto de saberes cumulativos de exploração sustentável da fauna marinha” (CARNEIRO, [2006], p.3). É considerada tradicional por se constituir em uma modalidade de pesca praticada por diversos séculos, constituída por práticas sociais e saberes que foram passados ao longo de gerações.

Considerada por muitos estudos como um sistema arcaico de produção, algo obsoleto ou pertencente ao passado, principalmente por se constituir em um sistema que não se utiliza de tecnologias modernas. Britto (1999) critica esta posição e defende a organização social dos pescadores em torno da pesca como um sistema complexo, que envolve o saber tradicional e que é composto por uma série de regras, relacionadas ao trabalho, uso do espaço e produção, que reafirmam sua identidade cultural.

Atualmente, em Arraial do Cabo, são praticadas diversas modalidades de pesca. Porém, as modalidades relacionadas à pesca artesanal e/ou tradicional, segundo Britto (1999), e Ferreira e Fialho (2013), podem ser consideradas:

1. Pescaria de rede: realizada com uso de redes (grandes ou redinhas) e canoas. Possui três tipos: gancho, pesca de arrasto e lanço à fortuna;⁹

⁹ O gancho é o tipo de pescaria com rede mais praticado na Prainha e consiste na colocação de uma rede de espera que é puxada horas depois. No arrasto de beira de praia, a canoa cerca e logo na sequência já puxa a rede. No lanço à fortuna, os pescadores decidem pescar na sorte, não há presença do vigia da pesca, e é muito praticada pelas canoas que pescam à noite (Nota da autora).

2. Pescaria de linha: realizada com uso de linha de mão e anzol. Muito comum nos costões rochosos de Arraial do Cabo e também praticada com canoas e botes, conhecidos como caícos;

3. Pescaria com rede de armar, canoas, e botes motorizados; com puçá e tarrafa, nas beiras dos costões rochosos e enseadas. Podemos acrescentar a pesca de lula que ocorre à noite e é realizada com uso de zangarejo e atração luminosa.

Considerando as diversas modalidades de pesca em Arraial do Cabo, nesta pesquisa, traremos destaque às reflexões sobre a pescaria realizada com o uso de canoas de boçarda e redes grandes, tradição centenária realizada por companhias de pescadores em toda a costa e ilhas do município.

As companhias de pescadores possuem uma forma auto-organizada de trabalho, que consiste de 9 (nove) membros que se distribuem nas seguintes funções: vigia, mestre, chumbereiro, corticeiro, proeiro, meeiro, reeiro, contrarré e cabeiro. Cada um desses membros possui uma função e atuação específica na prática da pescaria de rede, como podemos ver no relato a seguir, que explica como é realizada a pesca de arrasto e, na figura 01, que ilustra a puxada de rede em uma pescaria na Praia da Graçainha:

de cada lance do arrasto participam nove homens. Destes, sete seguem na canoa, sendo quatro remadores, dois "batedores" de rede e o mestre. Em terra permanece, além do vigia, o "cabeiro", que segura a "bêta" deixada quando parte a canoa. Do vigia depende, em grande parte, o êxito do lance. Cabe-lhe ficar de espia em uma elevação e avisar aos companheiros a aproximação dos cardumes. Geralmente reconhece com precisão a qualidade e a quantidade do peixe pela cor da mancha que aparece no mar, sua extensão, a velocidade de seu deslocamento. Assinalado o cardume, lança-se ao mar rapidamente a canoa escalada para esse dia, dirigindo-se para o local indicado. A certa distância da praia começam a soltar a rede, presa a um cabo cuja outra extremidade ficou em terra, em mãos do "cabeiro". A canoa descreve, então, um semicírculo aproximando-se novamente da praia. Ao terminarem o lançamento da rede, é trazida à terra a extremidade do cabo a ela preso. Encosta na praia a canoa e seus tripulantes, auxiliados por todos aqueles que aí se encontram, homens, mulheres e crianças, unem seus esforços na faina de puxar a rede para a terra. Realiza-se, então, o arrastão propriamente dito: a rede, cuja tralha de chumbo atinge o fundo, é arrastada para a terra trazendo consigo todos os peixes que tinham sido cercados no lance (BERNARDES e BERNARDES, 1950, p.25-26).



Figura 01: Pescaria de gancho na Praia da Graçainha - canto direito da Prainha (Acervo pessoal).

O Mestre carpinteiro naval Harildo Francisco participou ativamente das companhias de pesca atuando em todas as funções na canoa, até chegar à função de mestre da canoa, que é aquele que dá direção à canoa, orienta o lançamento das redes, e é o responsável pela captura final. Alguns mestres das canoas também são proprietários de canoas, assim como M. Harildo, que possui duas canoas de boçarda, a canoa “Pindorama” (recentemente adquirida) e a canoa, “Ayda”, que era do seu falecido pai, e atualmente pertence a sua família em parceria com um empresário local, dono de diversas canoas na Prainha e também um dos outros grandes responsáveis pelo continuidade do restauro das mesmas.

Na fala a seguir, M. Harildo demonstra um pouco do seu conhecimento na arte da pesca artesanal, dando exemplos de práticas ou situações que, segundo ele, somente poucos pescadores da Prainha saberiam a resposta:

Olha você pergunta este pescador todos que você tem aí, todos ele que tem aí, só tira aí o Mário, Vazinho e Zezé, é os três, comigo quatro que entende, pergunta pra eles qual a grossura da rede, do fio que a rede pega, pergunta quantos pano de rede tem uma manga de rede, pergunta qual a medida da malha, pergunta o que é uma liva e uma cativa (...) a gente aqui, eu, Mário, Vazinho, Zezé sabemo a qualidade do peixe, a quantidade, pela forma do peixe a gente sabe aquele é tal peixe, pela viagem do peixe aquele é tal peixe (...) a gente sabe o tamanho ó, a gente sabe se é xerelete, ou anchova, ou cavala ou bonito, ou serra, qualquer peixe a gente sabe, ou xaréu.(...) quando vemo xaréu o vigia chega com a mão e faz assim ó (faz sinal de corte na mão), que xaréu é cortado com a machadinha, quando era anchova a gente fazia o sinal assim ó (faz sinal com a mão), bonito (faz sinal virando a mão), que ele se vira, mostra a barriga, aí tudo isso a gente sabia, quando era xaréu a gente fazia assim todo mundo tinha que ficar quietinho, não podia bater um remo na canoa, nem fazer barulho nenhum que espantava.

(Entrevista M. Harildo - 01.10.19)

Na Prainha ainda podemos encontrar uma geração antiga de pescadores artesanais, que atuam regularmente na pesca, como o S. Mário, irmão de M. Harildo, exímio fazedor de redes, tem 81 anos e pode ser encontrado todos os dias pela manhã reparando as redes de pesca da Prainha. Vazinho e Zezé possuem canoas de boçarda e são vigias da pesca. Vale lembrar de Mestre Dok, participante da primeiro grupo de *Mestres Sabedores da Região dos Lagos* no ano de 2012 e uma referência em Arraial de Cabo em feitura de rede de pesca, além de experiente pescador. M. Dok¹⁰ tem 90 anos, ainda atua no reparo de redes de pesca na sua casa no bairro da Prainha e atualmente encontra-se com a saúde debilitada.

Ser pescador artesanal envolve o saber-fazer na feitura dos petrechos de pesca, como o material e medidas exatas para fabricação de uma rede, assim como a identificação, trajeto e o comportamento das espécies de peixes da região, saberes estes que validam a arte da pesca artesanal e legitimam os detentores do conhecimento tradicional, conquistado a partir da observação da natureza e da prática diária e cotidiana. Ferreira (2012, p.25), por exemplo, lembra que “a ‘adivinhação do peixe’ é um procedimento importante durante a pesca de rede, porque, a depender do tipo de peixe que se aproxima, usa-se determinada estratégia para cercá-lo”.

O pescador é figura principal e emblemática da cultura de Arraial do Cabo, sendo inclusive, motivação para criação de instituições que pudessem protegê-lo. No ano de 1997, foi criada a Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo, RESEX-Mar-AC, que “tem como objeto garantir a exploração autossustentável e a conservação dos recursos naturais

¹⁰ É com muito pesar que viemos a atualizar que Mestre Dok faleceu no dia 28/10/2020. Uma grande perda para o município de Arraial do Cabo e para a cultura pesqueira de toda a região.

renováveis, tradicionalmente utilizados para pesca artesanal, por população extrativista do município de Arraial do Cabo” (BRASIL, Decreto s/nº, 1997, s/p). Tal reserva foi criada para proteger o pescador artesanal e o manejo sustentável dos recursos pesqueiros.

Todavia, estudos e pesquisas apontam diversas dificuldades no funcionamento da reserva na prática para tal finalidade. Criada inicialmente para suprir uma demanda da comunidade tradicional de pescadores artesanais e garantir o seu acesso aos recursos marinhos, atualmente, ela é palco de diversas disputas principalmente devido a sua multiplicidade de atores sociais e usos diversos. Embora a reserva exista há mais de 20 anos, tem-se visto uma redução do espaço de pesca tradicional e, portanto, de proteção da identidade do pescador artesanal e de sua cultura, devido à presença desordenada do turismo de sol e mar¹¹ e, principalmente, devido ao grande número de barcos que realizam passeios náuticos (ARAÚJO, 2018).

Além disso, não se vê melhorias e incentivos às práticas pesqueiras. Nesse sentido, propostas como a do *Circuito dos Mestres Sabedores da Cultura Popular* podem atuar como iniciativas relevantes para a preservação dessa cultura local e valorização da identidade do pescador artesanal, como Mestre Sabedor.

Na próxima seção, tratarei com maior destaque das canoas de boçarda, já que Mestre Harildo Francisco é Mestre Sabedor que restaura canoas de boçarda na Prainha, Arraial do Cabo.

1.1.2 Canoas de boçarda

No Brasil, existem registros da utilização de canoas pelos indígenas desde antes da chegada das grandes navegações no país, no século XVI, bem como no decorrer da colonização, em que exerceram importante função durante a fase exploratória do país no transporte de recursos e indivíduos (HANAZAKI *et al.*, 2019).

As canoas constituem um rico Patrimônio Naval e pertencem ao Patrimônio Cultural Material nacional, sendo tombadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, o IPHAN. Porém, correm o risco de desaparecer devido a “fortes pressões da urbanização, ‘globalização cultural’, especulação imobiliária e pouca valorização e interesse na perpetuação de suas práticas e memórias” (HANAZAKI *et al.*, 2019, p.15), bem como por “perda da

¹¹ Atividades turísticas relacionadas à recreação, entretenimento ou descanso em praias, em função da presença conjunta de água, sol e calor (Segmentação do Turismo-Ministério do Turismo, s/d, p.43).

cobertura vegetal pela devastação da mata atlântica, da legislação rigorosa para corte de maneira e da substituição pelos barcos de alumínio” (BARRETO, 2019, p. 17).

Em Arraial do Cabo, ainda é possível encontrar as tradicionais canoas de boçarda, que possuem papel fundamental na pescaria de rede no município. As canoas de boçarda, também conhecidas por monóxilas e/ou canoas de um pau só, “são representações atuais dos primeiros tipos de embarcação usados pelo ser humano e feitos de um só tronco de madeira escavada” (CAMARA, 1888 *apud* BARRETO *et al.*, 2019, p.17). O termo “boçarda” se refere a parte arredondada na frente da canoa e é o prolongamento da borda que é colocada nas laterais.

Segundo Bernardes e Bernardes (1950), na década de 1950, a pescaria com canoas e redes era a forma de pesca costeira predominante em todo o litoral fluminense e o principal ponto era Arraial do Cabo que contabilizava mais de 50 (cinquenta) canoas e redes. Apesar de as canoas serem consideradas o símbolo da cidade (IPHAN, 2011; GARCIA, 2012, BARRETO, 2105a), em Arraial do Cabo, elas não se encontram devidamente protegidas no município. Inclusive, existe um estudo do IPHAN¹² indicando como proposta a sua preservação, conforme podemos constatar neste trecho

as canoas bordadas fazem parte do imaginário da população local, que as assumiram como símbolo da cidade. A pesca artesanal realizada com essas embarcações demonstra um nível avançado de técnicas pesqueiras e intimidade com o meio natural, sendo um importante atrativo cultural da cidade. Desta forma o patrimônio naval tem tudo para se estabelecer como motivação para o estudo de Chancela de Paisagem Cultural de Arraial do Cabo (IPHAN, 2011, p.16-17).¹³

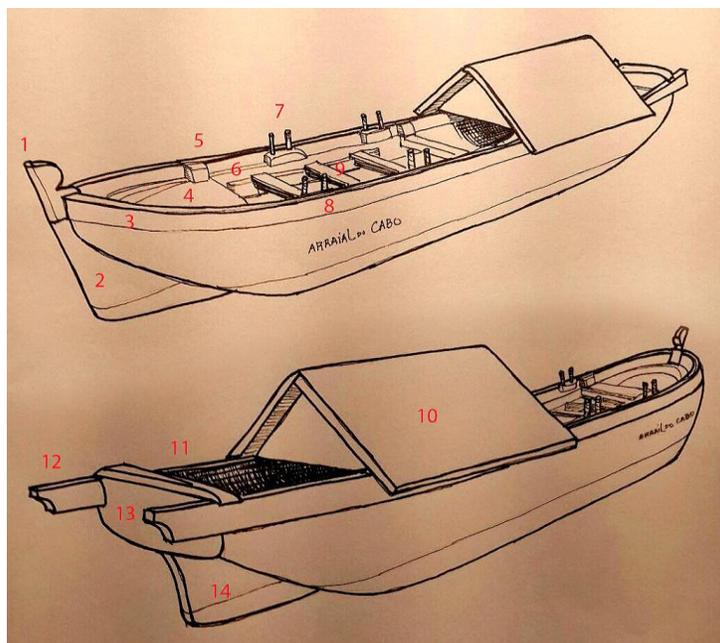
As canoas enfeitam as principais praias da cidade, Prainha, Praia Grande, Praia dos Anjos; Praia do Pontal e estão encalhadas em locais conhecidos como Portos das Canoas, que ficam à beira mar das respectivas praias. As canoas são compostas das seguintes partes

¹² Projetos Barcos do Brasil: Diretrizes para um Plano de Preservação e Valorização do Patrimônio Naval de Arraial do Cabo. 2011

¹³ O Instrumento Chancela Cultural da Paisagem foi instituído pelo IPHAN no ano de 2009 através da Portaria nº 127/2009, que se refere as interações na paisagem entre homem e natureza. **Art. 1º:** Paisagem Cultural Brasileira é uma porção peculiar do território nacional, representativa do processo de interação do homem com o meio natural, à qual a vida e a ciência humana imprimiram marcas ou atribuíram valores. Disponível em:

https://www.normasbrasil.com.br/norma/portaria-127-2009_214271.html. Acesso em 01.10.2020

conforme podemos observar, na figura 02 a seguir,



Legenda:

1. Beque de proa
2. Patilha da proa
3. Boçardas
4. Paineiro da popa
5. Mãos dos bancos
6. Dormentes dos bancos
7. Caixas das toleiteiras c/4
8. Bordas da canoa
9. Bancos da proa, contra proa ré, contrarré e do meio
10. Coberta da canoa
11. Paineiro da popa
12. Asa de popa
13. Espelho de popa
14. Patilha da popa

Figura 2: Denominações de partes de uma canoa de boçarda. Croqui feito pela ilustradora botânica Rachel Rosadas – 2017 (Barreto et al., 2019, p.35).

As canoas de boçarda de Arraial não foram construídas na região, isso se deve, principalmente, ao fato de a vegetação típica de restinga não possuir árvores grandes que possibilitassem a construção de tais embarcações. De acordo com M. Harildo (relato oral 01.10.2019), estas canoas eram construídas por artesãos principalmente em Barra de São João, no Rio de Janeiro, e também vinham de outros estados como Bahia e Espírito Santo. Quando as canoas chegavam em Arraial do Cabo recebiam alguns acabamentos como, por exemplo, a boçarda.

Segundo Garcia (2012, p.63), “a arte de acabamento e restauro é secular na região. (...) O restauro é uma arte tradicional dos mestres especializados em acabamento neste tipo de embarcação, confecção e reformas em beque de proa, popa, rachaduras, aumento na largura da canoa”.

No relatório sobre Patrimônio Imaterial e a Chancela da Paisagem Cultural no território da pesca tradicional da Praia do Pontal¹⁴, Barreto (2015a, p.74) afirma que a pesca artesanal

¹⁴ Relatório com vista à proposição da “Chancela da Paisagem Cultural” e ao Inventário e Registro do Patrimônio Imaterial e Material ao “território da pesca da Praia do Pontal” como um dos núcleos representativo da pesca tradicional da cidade de Arraial do Cabo.

praticada com o uso de canoas de boçarda está em declínio. Esta afirmação se deve principalmente à falta de sucessores no ofício tradicional de carpintaria naval e à perda da frota de canoas de boçarda, que se dá tanto pela falta de manutenção e reforma, como na propagação de cupins e formigas nos cascos das canoas. Além disso, há dificuldade para completar os membros das companhias. Na figura 03 abaixo, apresentamos o relato de Ronaldinho Fialho sobre a importância da preservação das canoas.

Garcia (2012, p.67) pode constatar, a partir de entrevistas com proprietários de canoas em Arraial do Cabo, que 68% creem que as canoas podem mesmo desaparecer. Entre os motivos citados podemos ressaltar a

sobrepesca, conservação das canoas, turismo e pesca predatória, falta de interesse e apoio das instituições representantes dos pescadores e a invasão das traineiras pesqueiras. (...) outros motivos referem a falta de cuidados dos proprietários, exposição ao tempo e a escassez de construtores de canoas.

“A canoa está sumindo. A canoa de “boçarda” é o cartão postal da nossa cidade. É a memória viva da Mata Atlântica e a gente não tem essa formação...

Você pergunta a um garoto: o que é aquilo ali? Um barco velho... apenas!!! E, não é só apenas um “barco velho”. Aquilo, primeiro, foi floresta que foi trabalhada nas mãos...

A canoa é a memória da Mata Atlântica. A canoa é a memória do pescador... Se não valorizarmos a canoa ela vai se acabar; vai desaparecer e com isso perde-se uma tradição de continuar pescando com rede a beira de praia que é uma pesca artesanal que perdura aí por 500 anos.



A nossa memória tem que ser contada nas escolas. As pessoas têm que entender o valor da gente manter viva essa canoa. Quando se quebra uma canoa, se quebra parte da nossa memória. Não podemos deixar que a nossa memória se desfaça dessa forma. A gente precisa construir dentro da sociedade a importância que é manter a cultura popular. Sem memória uma cidade não resiste. Não basta ter praia! Tem que ter memória, também! E isso se perde, a cada antigo que a gente perde (...).

E, a gente precisa entender que a gente tem uma cultura de culinária; uma cultura de contos; de brincadeiras; de artesanatos; de conhecimentos sobre a pesca; sobre o meio ambiente; sobre os ventos; sobre as correntes. É uma memória que cada cabista deveria conhecer um pouco...”. Depoimento de Ronaldinho Fialho.



Figura 03: Painel do *Circuito dos Mestres Sabedores* exposto no Ateliê de Cultura e Turismo (Acervo: *Circuito dos Mestres Sabedores da Cultura Popular*).

2. MESTRES SABEDORES E PATRIMÔNIO CULTURAL

O conceito de Mestre Sabedor foi consolidado a partir dos Seminários de Políticas Públicas para as Culturas Populares, nos anos de 2005 e 2006, organizados pelo Ministério da Cultura

o significante mais apto para representar o leque completo dos especialistas nos saberes tradicionais brasileiros: indígenas, quilombolas, tradições afro-brasileiras, artesanato, saberes da cura, tecnologias, culturas populares, entre outros (CARVALHO, 2016, p.8).

Os Mestres da pesca artesanal adquirem conhecimento observando, trabalhando, estudando e aprendendo com a natureza e seus sinais, ou seja, não se vêm à parte da natureza, mas como integrados a ela. Iniciados pela convivência, experiência e prática, com seus pais, irmãos, avós, eles vão recebendo os conhecimentos e saberes necessários para sua formação. O saber tradicional está relacionado ao modo de fazer e criar de uma comunidade, sendo parte da sua cultura, costumes e prática social.

No caso da pesca artesanal, é notório que existem alguns saberes-fazeres típicos de determinados grupos e localidades, constituindo patrimônio cultural imaterial de uma dada comunidade pesqueira (BRITTO, 1999; FERREIRA, 2012; FERREIRA; FIALHO, 2013). Segundo Nogueira *et al.* (2020, p.7), patrimônio se refere tanto a herança de bens familiares como um legado deixado para as futuras gerações. “Patrimônio é tudo o que criamos, valorizamos e queremos preservar: são os monumentos e obras de arte, e também as festas, músicas e danças, os folguedos e as comidas, os saberes, fazeres e falares. Tudo enfim que produzimos com as mãos, as ideias e a fantasia” (Londres, 2012, p.5).

Para que este legado se mantenha vivo é fundamental a presença humana e a vontade de atores da comunidade na continuidade e preservação de sua própria cultura através das “práticas de memória que os revestem em nome de um ‘investimento de identidade’ a ser transmitido” (Nogueira *et. al.*, 2020, p.6). Toda a memória social e inconsciente coletivo; e tudo que diz respeito a preservação do Patrimônio Cultural Imaterial passa pelo ser humano. Um sábio transfere conhecimento para outro e a partir do contato intergeracional trazem uma sabedoria de vida às novas gerações. Se não tiver o ser humano ativo, não existe.

A criação da UNESCO, Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, nos anos 1940, foi referência em trazer o conceito antropológico de cultura¹⁵ para o Patrimônio Cultural (NOGUEIRA *et al.*, 2020, p.7). A UNESCO é responsável pela salvaguarda¹⁶ do patrimônio cultural, histórico e artístico da humanidade. No Brasil, o IPHAN juntamente com instituições culturais representativas dos estados e municípios brasileiros desempenham papel semelhante à UNESCO no que tange as atividades singulares de cada região do Brasil.

No ano de 2003, a UNESCO definiu na Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial que

as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana (UNESCO, 2006, s/p).

Nos dias atuais, como ícones do Patrimônio Cultural Imaterial, os “Mestres da Cultura Popular” têm alcançando maior visibilidade e reconhecimento em alguns estados brasileiros, seja por meio de leis específicas e prêmios da cultura popular, seja na área de políticas públicas que os protegem. Existem, ainda, os projetos universitários, que também os valorizam e os reconhecem como autênticos representantes da cultura popular nacional e empregam seus saberes tradicionais no mundo acadêmico. Recentemente, pensando nessa relação, uma conquista ocorreu na Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, com a aprovação da resolução que atribui o título de Notório Saber¹⁷ a “Mestres e Mestras da Cultura Popular Brasileira”, equivalente a um doutorado (SABERES TRADICIONAIS, UFMG, 2019).

¹⁵ Conforme apontado no início da pesquisa o conceito antropológico de cultura segundo Tylor (Eagleton, 2005, p.52) “inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”.

¹⁶ Segundo a UNESCO, são “medidas que visam garantir a viabilidade do Patrimônio Cultural imaterial, tais como a identificação, a documentação, a investigação, a preservação, a proteção, a promoção, a valorização, a transmissão-essencialmente por meio da educação formal e não-formal - e revitalização deste patrimônio em seus diversos aspectos” (UNESCO, 2006, s/p).

¹⁷ A proposta do Notório Saber surge perante a insatisfação ao modelo brasileiro de instituição de ensino superior, que sempre foi uma reprodução do modelo das universidades europeias, sendo excluídos os

O saber tradicional é constituído pelo “conjunto de saberes e saber-fazer a respeito do mundo natural e sobrenatural, transmitido oralmente, de geração em geração” (ARRUDA; DIEGUES, 2001, p.71). São saberes que se expressam no cotidiano e dentro do universo da pesca estão relacionados ao conhecimento da pesca artesanal que envolve a organização da pesca em canoas de boçarda, sazonalidade dos peixes, conhecimento das marés e correntes marítimas, previsão do tempo, uso de plantas medicinais da restinga, leitura das estações do ano, “causos”, narrativas, poesias e histórias orais (BARRETO, 2015a; BRITTO, 1999; FERREIRA; FIALHO, 2013).

A sabedoria popular diz respeito ao reconhecimento e resgate das raízes de um povo, fundamentada em histórias repassadas pela tradição oral e resultante de um processo de guarda de memória, sendo fundamental a valorização dos Mestres populares, que receberam este saber dos seus antepassados.

Segundo Araújo *et. al.* (2006), em Arraial do Cabo, o saber tradicional é preservado entre os mais antigos pescadores, inclusive, faltando espaços no município que possibilitem o compartilhamento e valorização destes conhecimentos, o que enfatiza a importância da pesca artesanal na defesa do patrimônio histórico cultural ao qual está vinculada e o papel do *Circuito dos Mestres Sabedores da Cultura Popular* em valorizar este patrimônio. No que diz respeito ao reconhecimento e à valorização desses saberes tradicionais, vale dizer que, em 28 de novembro de 2017, a figura e a identidade do pescador foram reconhecidas como patrimônio cultural, histórico e imaterial do Estado do Rio de Janeiro.

Ficam declaradas como patrimônio cultural, histórico e imaterial do Estado do Rio de Janeiro, e consideradas de especial interesse social as comunidades quilombolas, caipiras, caboclas, de pescadores, caiçaras e agricultores no âmbito do Estado do Rio de Janeiro, inclusive aquelas localizadas em Unidades de Conservação da Natureza.

Parágrafo único. Em razão do mencionado no caput, fica proibida a remoção ou remanejamento das comunidades quilombolas, caipiras, caboclas, de pescadores, caiçaras e agricultores do seu local de origem (RIO DE JANEIRO, Lei nº7790/2017).

Em Arraial do Cabo, o patrimônio cultural se manifesta na tradição pesqueira, sendo a pesca Patrimônio Cultural Imaterial e Patrimônio da Chancela da Paisagem Cultural, conforme dispositivo nas respectivas leis do município:

saberes tradicionais das populações indígenas, negras e culturas populares brasileiras (CARVALHO, 2016).

- Lei Municipal n. 1.804, de 07 de maio de 2013, que rege a proteção do Patrimônio Cultural Imaterial, a pesca artesanal da cidade;
- Lei Municipal n. 1835 de 30 de setembro de 2013, que considera como Patrimônio da Chancela da Paisagem Cultural, a pesca artesanal de Arraial do Cabo.

No entanto, os saberes tradicionais são constantemente ameaçados pela condição de fragilidade cultural e econômica das comunidades tradicionais, que, em grande parte, não recebem devido apoio dos órgãos governamentais. Conforme já sinalizado, em Arraial do Cabo, as comunidades tradicionais pesqueiras sofrem pressões com a ocupação desenfreada de seu território tradicional, principalmente, pela especulação imobiliária, poluição e quiosques na área de pesca (BARRETO, 2015c; ARAÚJO, 2018).

O Mestre Sabedor em questão, M. Harildo Francisco é diretamente responsável pela manutenção de um bem cultural característico da cidade de Arraial do Cabo, os restauros das canoas de boçarda, bens do patrimônio naval brasileiro, e “consideradas bens culturais que unem saberes sobre as florestas e diferentes tipos de ambientes aquáticos” (OROFINO *et al.*, 2017 *apud* HANAZAKI e ROQUE, 2019, p.78).

2.1 CIRCUITO DOS MESTRES SABEDORES DA CULTURA POPULAR

A proposta do *Circuito dos Mestres Sabedores da Cultura Popular* originou-se do projeto *Mestres Sabedores da Cultura Popular*, ambos idealizados pelo sociólogo Paulo Sérgio Barreto. A proposta foi apresentada pela primeira vez na II Semana Fluminense de Patrimônio em 2012, com o objetivo de promover um diálogo entre distintos Mestres Sabedores da Região dos Lagos (pescadores, quilombolas, maricultores, rezadeiras, rendeiras, artesãos, trabalhadores do sol, seresteiros e membros de folgedos), com a população local (estudantes, moradores e professores). Este projeto inicial buscou a valorização do patrimônio imaterial da Região dos Lagos, a partir dos saberes tradicionais dos respectivos Mestres (BARRETO, 2012).

Logo após este primeiro evento, vários projetos se desenvolveram tendo sempre como foco principal a salvaguarda do patrimônio cultural e disseminação dos saberes tradicionais da Região dos Lagos, conforme pudemos constatar na entrevista que Paulo Barreto forneceu à equipe da Semana de Patrimônio Fluminense:

houve ainda, a exposição itinerante sobre os Mestres Sabedores (...). Em 2013 organizou-se, em Arraial do Cabo, a 'Sala Expositiva' dos 'Mestres Sabedores da Cultura Popular'. De 2014-2015 realizou-se as 'oficinas de canoas de boçarda' na Praia Grande. (...) Em 2016, foi inaugurado o Museu Escola Naval/ Sala Expositiva Mestre Chonca, na Praia Grande, com ênfase na memória oral e na salvaguarda da pesca tradicional realizada por canoas de boçarda. (Entrevista Paulo Barreto 27.09.2018 – Semana Fluminense de Patrimônio).¹⁸

No final de 2018, fruto da proposta dos Mestres Sabedores da Região dos Lagos, a proposta do *Circuito dos Mestres Sabedores da Cultura Popular* começou a ser implementada em Arraial do Cabo, com a instalação de estruturas interpretativas (foto em ANEXO II) nos locais de moradia e/ou trabalho dos respectivos mestres e/ou grupos. Segundo Barreto,

a proposta do “Circuito dos Mestres Sabedores da Cultura Popular toma como pressupostos (...) os vínculos aos lugares e os sentidos de pertencimentos; a preservação e sustentabilidade dos saberes e dos modos de fazer da pesca tradicional. Esta proposta volta-se à salvaguarda, preservação, reconhecimento, valorização, visibilidade dos “saberes-fazer” relacionados à pesca tradicional, sobretudo as questões relativas à memória coletiva, à imaginação e a preservação e a oralidade na valorização das diversas manifestações do patrimônio cultural local (BARRETO, 2017, p.3)

Esta proposta se apresenta como um movimento sociocultural e tem o intuito de valorizar a comunidade de pesca local e seu modo de vida; seus saberes e fazeres tradicionais; e suas práticas nos territórios da pesca, sendo ainda incipiente o apoio por parte de políticas públicas. A elaboração deste projeto de pesquisa social partiu de um edital do PNUD via ICMBio, no ano de 2017. No trecho a seguir Barreto nos conta como foi desenvolvido:

A pergunta chave que norteou este projeto foi a ideia de tradição. Então, eu busquei juntamente com eles a ideia de tradição. O que é tradição para eles? Como eles enquanto grupo se organizam, através da tradição e aí a tradição da pesca de Arraial do Cabo, a pesca tradicional. Então este foi o mote da construção de todo o trabalho. A segunda etapa foi desenvolvida a partir da produção gráfica e instalação de estruturas interpretativas fixadas nas moradias, e/ou locais de trabalho (oficinas, ateliês, coletivos e paióis de pescadores) dos respectivos “Mestres”.

(Relato Oral Paulo Barreto -14.06.2019)

¹⁸ Disponível em: <http://www.patrimonioluminense.rj.gov.br/?p=9563>. Acesso 10.03.2020.

Estas estruturas interpretativas contêm o registro fotográfico e descrição dos ofícios, relatos, saberes, práticas e aptidões dos Mestres Sabedores, registradas a partir de entrevistas realizadas com os Mestres, pescadores e moradores mais antigos do município. O *Circuito dos Mestres Sabedores da Cultura Popular* constitui um trabalho de preservação, pesquisa e divulgação do patrimônio cultural material e imaterial de Arraial do Cabo (BARRETO, 2018).

De acordo com Barreto, o *Circuito* possui “três focos principais: a salvaguarda do Patrimônio Material e Imaterial e das Paisagens Culturais; gerar trabalho e renda através do turismo de base comunitária; e gerar crescimento local descentralizado e articulado enquanto *Circuito*”¹⁹ (Relato Oral Paulo Barreto – 15.12.2019).

A proposta do *Circuito* ainda se encontra em construção, com as atividades em processo de elaboração. Quando estiverem todas as atividades estruturadas e organizadas, elas serão realizadas por meio de agendamentos e visitas pedagógicas guiadas nos espaços culturais dos participantes. A proposta consiste em um contato direto com representantes da tradição pesqueira, alguns deles os últimos representantes de ofícios tradicionais da cidade como restauro de canoas de boçarda e construção de embarcações e caícos. Grande parte dos Mestres participantes do *Circuito* promovem a contação de causos, que remetem a história, a memória, aos personagens locais, a pesca tradicional e ao folclore local, assim como assuntos relacionados a espiritualidade e saberes relacionados às plantas da restinga. Em alguns pontos do *Circuito* também é possível adquirir artesanato local, como as canoinhas, que são miniaturas das canoas de boçarda.

A proposta do *Circuito* atual contempla 10 (dez) pessoas e/ou grupos de pescadores artesanais, carpinteiros navais, mulheres marisqueiras, membros de terreiros de matrizes africanas e memorialistas, a saber (ANEXO III - mapa do *Circuito*)

1. ATELIÊ COLETIVO POLVO DO MAR
2. ATELIÊ DE CULTURA E TURISMO
3. CENTRO ESPÍRITA PAI JOSÉ DO CONGO
4. COOPERATIVA DAS MULHERES PESCADORAS, AQUICULTORAS E ARTESÃS DA PRAINHA (MUPAAP)
5. SALA EXPOSITIVA MESTRE CHONCA

¹⁹ Turismo de Base Comunitária é um modelo de gestão da visitação protagonizado pela comunidade, gerando benefícios coletivos, promovendo a vivência intercultural, a qualidade de vida, a valorização da história e da cultura dessas populações, bem como a utilização sustentável, para fins recreativos e educativos, dos recursos da Unidade de Conservação (ICMBio, 2018, p.20).

6. MESTRE HARILDO FRANCISCO DOS SANTOS
7. MESTRE MOACYR E A COMPANHA DO PONTAL
8. MESTRE TAMICO
9. MESTRE TOTONHO
10. MESTRE WALCY

A futura sede dessa proposta, o Museu Escola Naval/ Sala Expositiva Mestre Chonca na Praia Grande, aguarda o início das obras. Segundo o documento Museu que queremos (BARRETO, 2019), a Prefeitura Municipal de Arraial do Cabo iniciou a licitação da obra no início de 2018. No início do ano de 2020, foi realizada uma visita de topógrafos ao local, porém, desde então, não houve nenhum avanço em relação às obras.

Segundo Barreto (2019b, p.5), o Museu Escola Naval “busca reformar as canoas de boçardas bem com contribuir para a salvaguarda da pesca tradicional e os territórios dos Portos de Canoas das praias de Arraial do Cabo”. Atualmente, é possível visitar este espaço que conta com diversas miniaturas de canoas de boçarda feitas por pescadores e moradores de diferentes gerações; além de diversos objetos relacionados à pesca artesanal, ferramentas utilizadas na carpintaria naval, estruturas interpretativas que contam um pouco da história da cultura pesqueira local e registro fotográfico dos pescadores artesanais do município. Este local já desenvolve atividades de cunho educacional e costuma receber alunos do IFRJ-*Campus Arraial do Cabo* para rodas de conversa sobre a pesca artesanal.

Conforme já apontado, no que se refere a presente pesquisa, temos a intenção de analisar um local do *Circuito*, no bairro da Prainha, no caso o paiol da pesca de Mestre Harildo Francisco dos Santos, e buscar entender de que modo os saberes e tradições do M. Harildo se relacionam com a proposta do *Circuito dos Mestres Sabedores da Cultura Popular*.

Na próxima seção, explico a metodologia de pesquisa escolhida e, em seguida, apresento a análise de dados.

3 METODOLOGIA DE PESQUISA

Para a presente pesquisa, foi adotada a metodologia de pesquisa de estudo de caso (LUDKE e ANDRÉ, 1986). Sendo este um modelo de pesquisa qualitativa, que “envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada” (BOGDAN e BIKLEN, 1982, p.13 *apud* LUDKE e ANDRÉ, 1986).

A metodologia de estudo de caso “é um meio de organizar dados sociais preservando o caráter unitário do objeto social estudado” (GOODE e HATT, 1969, p. 422 *apud* BRESSAN, 2000, p. 2). É o estudo de uma situação única que possui grande valor. Desta forma, a presente pesquisa busca fazer uma leitura mais aprofundada de um local do *Circuito dos Mestres Sabedores da Cultura Popular*, possibilitando, desta forma, maior detalhamento deste lugar e do seu reconhecimento como parte do Patrimônio Cultural local. Ainda sobre a metodologia adotada, de acordo com Ludke e Andre (1986), o estudo de caso busca encontrar novas revelações e possibilita ao pesquisador ter uma experiência de “vivenciar o lugar do outro” para melhor compreensão da sua realidade.

Vale lembrar que esta pesquisa traz visibilidade ao trabalho e a voz do Mestre carpinteiro naval Harildo Francisco dos Santos, 75 (setenta e cinco) anos e morador da Prainha desde os 09 (nove) anos de idade. Mestre Harildo é carpinteiro naval, pescador artesanal, dono de canoa de boçarda e pai de santo no Centro Espírita Pai José do Congo.

A escolha de M. Harildo Francisco se deu por ele ser morador do bairro da Prainha em Arraial do Cabo e, conforme já citado, existirem poucos trabalhos que tragam visibilidade às vozes e aos sujeitos moradores da Prainha. Em outra pesquisa, dentre as poucas existentes, sobre pescadores da Prainha, a pescadora entrevistada em Ferreira (2020, p.151) aponta para “questões históricas de racismo ambiental no município destacando o descaso com que a população desse bairro é tratada”. Prado (2002, p.62) também chama atenção para esses dados históricos, acerca do racismo ambiental ao propor que

os negros foram para a Prainha em 1888, após a abolição, ou então, aqueles que não eram escravos se situaram ali. (...) Era uma comunidade totalmente negra. (...) a Prainha era então uma área exclusiva de negros que, quando possível, fugiam da endogamia imposta pelo ‘racismo’ e se misturavam com os brancos, obviamente não com os da Praia dos Anjos, mas com os descendentes da imigração portuguesa, da Praia Grande.

Ainda no que diz respeito a essas referências históricas, podemos dizer que a Prainha é o bairro de menor prestígio social e econômico, desde o início do povoamento em Arraial do Cabo e o que recebe menor investimento por parte do poder público. Até hoje, o bairro é local de residência da população mais pobre da cidade e composta de maioria negra, grande parte descendentes de escravos e imigrantes oriundos de norte fluminense, que vieram trabalhar na construção da cidade. Muitos desses moradores “ganharam aforamentos, ou seja, títulos de propriedade de pequenos lotes no bairro da Prainha, onde se concentrou a comunidade negra do Arraial, com o objetivo de construir suas casas próprias enquanto trabalhavam na enxada para a CNA” (PRADO, 2002, p. 38-39).

O sujeito de pesquisa do presente trabalho também tem considerações importantes sobre esse aspecto, como podemos observar no trecho a seguir de uma das entrevistas realizadas:

Pesq.: O senhor acredita que existe alguma discriminação por parte das instituições públicas desde o início do povoamento de Arraial do Cabo, em relação à Prainha comparada com as demais praias de Arraial do Cabo?

M.H.: Olha, eu não sei não. Eu não tenho certeza, mas acho que sim, todos que entram, eles não olham pra Prainha. É todos os prefeito que entra, a Prainha fica abandonada, nenhum deles faz nada pela Prainha. Desde que Hermes foi prefeito, que asfaltou aqui a Prainha e fez os quiosques, começou a fazer os quiosques, que ele não terminou todos também, que ele morreu. Daí pra cá, ninguém fez mais nada. nada, nada, nada pela Prainha, não. Eu acredito que eles tenha algum preconceito pelo pessoal da Prainha, que não faz nada pela Prainha. Não faz nada nada, nada. Não se beneficia a Prainha em nada, NADA.

Ou seja, conforme apontado por Prado (2002), após a abolição da escravidão, a Prainha se constituía em uma comunidade totalmente negra e vem seguindo, ao longo da sua história, marcada por desigualdades sociais que são evidentes em relação aos outros bairros de Arraial do Cabo. Muitos imigrantes que chegaram para trabalhar na Alcalis também foram morar lá, sendo a Prainha constituída primordialmente por uma população de baixa renda de maioria negra. O bairro cresceu desproporcionalmente, o que levou a favelização no Morro da Cabocla e falta de investimento na sua infraestrutura. O racismo ambiental é evidenciado pelas injustiças ambientais²⁰ sofridas por grupos que representam principalmente as culturas populares e não

²⁰ “Mecanismo pelo qual sociedades desiguais destinam a maior carga dos danos ambientais do desenvolvimento a grupos sociais de trabalhadores, populações de baixa renda, grupos raciais discriminados, populações marginalizadas e mais vulneráveis” (HERCULANO, 2008, p.2).

estão devidamente organizados para lutarem pelos seus direitos e/ou não encontram representatividade perante ao poder público (HERCULANO, 2008). Segundo Herculano (2008, p.17), “racismo é a forma pela qual desqualificamos o outro e o anulamos como não-semelhante”, e está associado à invisibilidade social sofrida por populações de baixa renda e que fica evidente pela desorganização urbana da Prainha e a falta de políticas públicas em investimentos sanitários, infraestrutura urbana e projetos de inserção profissional aos moradores do bairro.

Esta pesquisa também tem o intuito de levar ao conhecimento das pessoas que existe outro carpinteiro naval em Arraial do Cabo, para além do amplamente conhecido Mestre Chonca. Em muitas pesquisas, o nome do Mestre Harildo é esquecido ou, ainda comentado que ele não realiza mais restauro pelo fato de ter perdido a visão. Na verdade, ele nunca deixou de trabalhar mesmo com a perda da visão e pode ser encontrado todos os dias no seu paiol da pesca na Prainha. A maioria das pesquisas comenta apenas da existência de um único carpinteiro naval em Arraial do Cabo, que é o Mestre Wilson Luiz da Silva²¹, que realiza restauro das canoas de boçarda na Praia Grande. A geração de dados para o presente estudo foi realizada a partir de um total de três entrevistas semiestruturadas com o M. Harildo Francisco, cinco visitas ao seu local de trabalho e a participação em um evento cultural da pesca na futura sede do Museu Escola Naval, no qual estavam presentes outros Mestres Sabedores da cidade e pescadores das mais diversas gerações.

A partir das entrevistas, M. Harildo nos conta sua trajetória no universo da pesca em Arraial do Cabo, traz a memória das canoas e do Arraial antigo e relata seu ofício como carpinteiro naval.

A primeira entrevista foi realizada no dia 01 de outubro de 2019, teve duração de cerca de 1h de gravação em áudio, e foi realizada em sua residência, na Prainha, em Arraial do Cabo. Como parte da entrevista semiestruturada, foi proposto um roteiro inicial de perguntas, no intuito de identificar histórias, saberes e práticas culturais de Arraial do Cabo. Porém, deixei a conversa fluir de forma natural, colocando as perguntas que realmente cabiam dentro do contexto e momento.

A segunda entrevista foi realizada no dia 04 de outubro de 2019, com duração de 40 minutos, também gravada em áudio. Esta entrevista teve a participação da sua esposa Jovenir dos Santos, conhecida por D. Vêna, e foram abordados assuntos referentes ao seu trabalho

²¹ O Mestre carpinteiro naval e pescador artesanal Wilson Luiz da Silva, conhecido por Chonca recebeu em 2011 o Prêmio Mestres e Grupos das Culturas Populares por ensinar aos filhos de pescadores, o saber-fazer das canoas de boçarda. Mestre Chonca foi a referência para o início das ações institucionais que trouxeram a proposta dos “Mestres Sabedores”.

como pai de santo no Centro Espírita Pai José do Congo. M. Harildo trata tanto da questão de construção de caícos e restauro de canoas, como da questão religiosa. Porém, devido ao escopo do trabalho estar direcionado ao universo da pesca, não irei tratar das questões religiosas nesta pesquisa.

Para o melhor aprofundamento de algumas questões, foi realizada uma terceira entrevista no dia 19 de março de 2020, com duração de 1h30 minutos, também gravada em áudio. Essa entrevista foi realizada em frente ao seu paiol da pesca, na Prainha, no qual foram tratadas questões relacionadas ao seu ofício de “Mestre” carpinteiro naval.

Estas visitas foram realizadas com o objetivo de acompanhar as atividades diárias desempenhadas no local, assim como observar as canoas da Prainha e a pesca artesanal, realizada na Praia da Graçainha, que fica a 10 (dez) minutos de distância do local. Estas observações diretas foram registradas em um diário de pesquisa, contendo dados descritivos de acontecimentos, com a respectiva data e as minhas impressões como pesquisadora.

O entrevistado não teve seu nome alterado por se tratar de uma pesquisa que fala do Patrimônio Cultural Imaterial de Arraial do Cabo. e foi obtida permissão para uso de seu nome verdadeiro por meio de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO IV).

Todas essas oportunidade de contato e convívio com Mestre Harildo foram de fundamental importância para o trabalho mais acuidado de análise e interpretação de dados que apresento a seguir.

4 ANÁLISE DE DADOS

Nesta seção do texto, vamos à análise dos dados gerados nas entrevistas (o roteiro das entrevistas se encontra no ANEXO V), realizadas com o Mestre carpinteiro naval Harildo Francisco. Vale lembrar que o objetivo do presente trabalho é refletir sobre a importância cultural de Mestre Harildo Francisco dos Santos no *Circuito dos Mestres Sabedores da Cultura Popular*.

Os trechos aqui analisados foram recortados de áudios maiores que não seguem necessariamente a ordem cronológica das entrevistas (FERREIRA; FIALHO, 2013). O formato aqui apresentado tende a agrupar assuntos afins dentro de uma mesma análise, se preservou o modo de fala do entrevistado buscando uma transcrição mais próxima do seu modo de falar, de forma a não causar distorção dos dados gerados. Todavia, não temos intenção de analisar ou criticar as formas gramaticais utilizadas pelo entrevistado (FERREIRA, 2012).

Conforme já foi apresentado, o principal ator social desta pesquisa é o Mestre Harildo Francisco dos Santos, que restaura as tradicionais canoas de boçarda e constrói caícos na Prainha. M. Harildo sofre de glaucoma e há 19 anos enxerga apenas vultos, porém nunca parou de trabalhar no seu paiol de pesca, local onde guarda seus equipamentos de carpintaria naval.

Neste primeiro excerto, discuto como M. Harildo se iniciou na pesca e no restauro de canoas de boçarda.

EXCERTO 1

Pesq.: Com qual idade o senhor começou a pescar?

M.H.: Eu comecei a pescar com 16 anos junto com meu pai, meus tio, meus primo.

Pesq.: O senhor já participou da companhia de pesca?

M.H.: Eu pesquei muitos ano. Eu pesquei desde os 16 ano até os 46 ano. (...) sou aposentado na pesca.

Pesq.: Qual era a sua função na canoa?

M.H.: Eu comecei como cabeiro, segurando a corda na beira da praia, dali fui a chumbeireiro, corticeiro, fui para remar na ré, o primeiro da rede pra lá, depois fui pra proa, depois voltei a ser mestre da canoa. Já fui vigia da canoa. Da canoa eu já fiz de tudo.

Pesq.: Com quem o senhor aprendeu a pescar?

M.H.: Com meu pai.

Pesq.: Seu pai também fazia restauro das canoas?

M.H.: Não. Ele andou ajudando, andou calafetando também alguma canoa, mais dele memo. Essa [canoa] “Segredo” memo ele ajudou esse Seu Manduca assim que foi botar o fundo nela.

Pesq.: Quem reformava as canoas antigamente?

M.H.: Seu Manduca, Passarinho, Juca Cardoso, Vavá, Paulino, Figo, o pai de Vavá e Duca de Conceição. (...) Tudo gente antiga.

Pesq.: O senhor aprendeu com eles?

M.H.: Não. (...) Esta canoa grande que tá ali reformando, a de Sérgio, eu mesmo acompanhei o cara, o rapaz fazendo ela, Duca de Conceição que tava fazendo. Ela veio pra aqui sem a patilha aquelas duas quilhas que tem na traseira, uma na frente outra atrás. Ela veio sem aquilo. Ele abriu, botou aquelas duas peça no lugar. (...) No dia que ele tava fazendo, preparando esta “Furador”, eu tava do lado dele, eu não saía dali de perto dele, que era perto de casa. Eu morava ali em frente ao Brizolão. Aí eu ia sempre ali para perto da Igreja onde ele tava fazendo, em frente à Igreja. (...) Eu lembro quando ela veio em cima da carreta, arriaram ali, veio ela e mais três. Arriaram ali, levaram duas lá para a Praia Grande, debaixo de uma amendoeira ali perto do trevo ali que sobe também para a Praia Grande. Ali era casa de Juca Cardoso.

Pesq.: Nesta época o senhor já havia feito restauro?

M.H.: Não, tava olhando. Eu só fazia os de brincadeira, de tamanco, com a çaiuma, com a bananeira, aí fui olhando, aí comecei a pegar canoa memo nossa para fazer, aí fiz a primeira, a segunda foi uma de Alzemiro, fui ali em frente ao Brizolão chamava “Apolo”, o nome da canoa. Aí depois fui arrumar “Nalu” de Seu Aro, o avô de Beto. Aí depois fui consertar a “Mimica”, consertar uma porção de canoa na Praia Grande, aí fui consertando.

Pesq.: O senhor continuou pescando?

M.H.: Pescando e restaurando canoa. Os dia que eu não tava pescando eu tava restaurando canoa.

Pesq.: Aí desde esta época o senhor vem restaurando as canoas?

M.H.: Direto desde os 22 anos. Na época a gente recuperava ela, usava era chapa de cobre com tacha. Chapa de cobre pregada com tacha. Usava chapa de cobre, gesso, arvaiade e óleo de linhaça. Fazia a massa, aí botava aquela massa no rebaixo da chapa e botava o jornal por cima e vinha pregando a chapa com as tachas de cobre. Aí o cobre veio substituído agora pela araldite. Que a gente bota a araldite não precisa colocar tacho no meio, nada por cima, colou, pregou, cabou.

(Entrevista M. Harildo – 19.03.2020)

M. Harildo conta que aprendeu a pescar com o pai, tios e primos, vindo a ser tornar pescador por profissão, e, inclusive, se aposentou na pesca. Esta fala mostra que ele se iniciou na pesca seguindo uma tradição familiar de pescadores. A pesca e as tradições do mar se expressam em diversos aspectos da sua vida cotidiana, tendo participado ativamente em todas funções na companhia da pesca ao mesmo tempo em que se dedicava ao restauros de canoas.

No mesmo trecho, ele afirma que ninguém o ensinou a restaurar as canoas e que aprendeu a partir da observação de um dos restauradores mais antigos de Arraial do Cabo, Duca da Conceição, além de citar outros inúmeros mestres restauradores de canoa. Mesmo que M. Harildo não considere que um Mestre o tenha ensinado, de modo sistemático, o processo de aprendizagem dos pescadores tradicionais também se dá, principalmente, através da observação e escuta, o que ocorre de forma tão natural, que nem os próprios pescadores percebem que lhes foi ensinado. Eles aprendem vendo e ouvindo os mais velhos e experientes. Conforme podemos observar nas palavras de Barreto (2015a, p.20), o saber do pescador se estabelece “pela observação, vivência e prática”, passado por gerações de familiares e/ou pescadores. Logo ele comenta que antes só fazia as canoas de brincadeira, M. Harildo fazia miniaturas de canoas com os tamancos velhos dos pescadores desde criança.

A mesma canoa que M. Harildo observou Duca da Conceição adicionar a patilha, a “Furador”, foi recentemente restaurada por ele e encontra-se no porto de canoas da Prainha, que fica na faixa de areia no canto direito da praia próxima ao seu paiol da pesca. Seu nome, contudo, foi alterado para “Trovão”. A patilha é a peça que fica na proa e na popa da canoa; e o que dá direção à mesma e a mantém em linha reta. Quando M. Harildo se refere a abrir uma canoa, significa serrar de uma ponta a outra. As canoas mais estreitas que chegaram à Arraial do Cabo tiveram a patilha adicionada, com a finalidade de aumentar a largura da canoa e proporcionar maior estabilidade. Em este processo são adicionadas 3 (três) peças de madeira, que são a patilha da proa, a patilha da popa e uma tábua de madeira ao fundo.

Por meio da observação do restauro desta canoa, Mestre Harildo auxiliou no restauro da canoa do seu pai, a canoa “Segredo”, e a partir deste momento foram aparecendo outras canoas para restaurar. Nas figuras 04 e 05, apresentadas a seguir, podemos observar a canoa “Trovão” antes e depois do restauro realizado por M. Harildo.

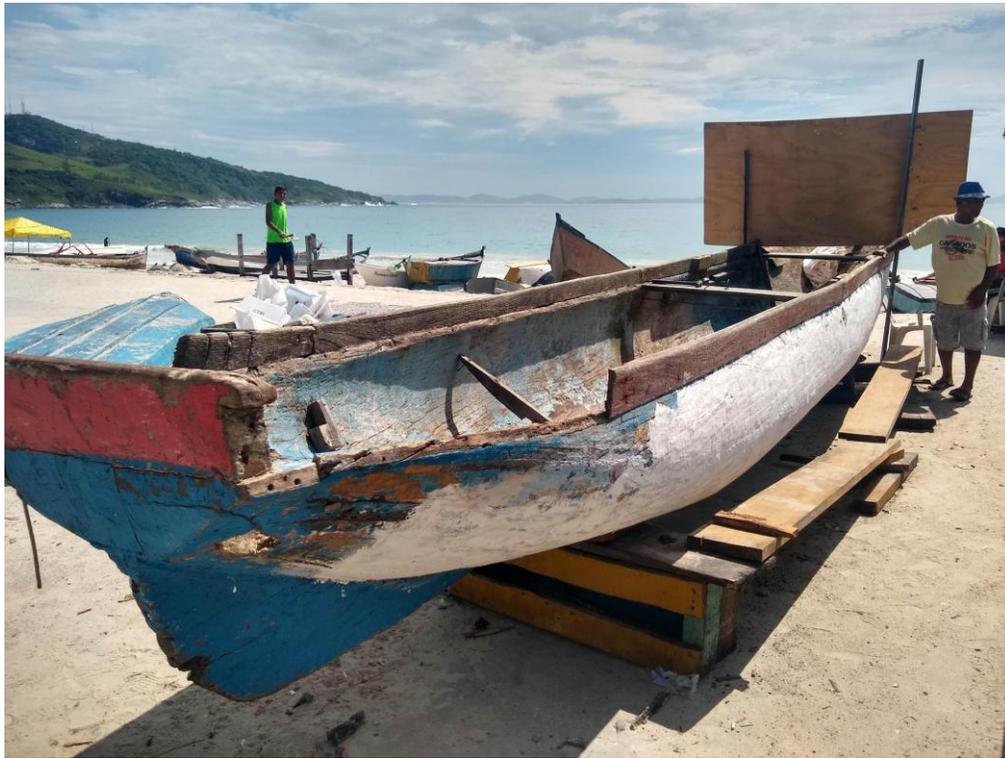


Figura 4: A canoa “Trovão”(antiga “Furador”) sendo restaurada na calçada em frente ao paiol da pesca de M. Harildo, que está no canto direito da foto (Acervo pessoal).



Figura 5: A canoa “Trovão” restaurada no porto de canoas da Prainha (Acervo pessoal).

No último trecho do excerto 1, ele comenta sobre a evolução do restauro das canoas que era feito antigamente com chapa de cobre. A utilização da cola araldite no restauro das canoas também mostra como o uso de novas técnicas e materiais podem ser incorporados à tradição auxiliando o processo com o uso de novas tecnologias e recursos.

No próximo excerto, destaco relatos em que Mestre Harildo aborda como é realizado o processo de restauro das canoas atualmente, assim como curiosidades relacionadas as canoas de boçarda de Arraial do Cabo.

EXCERTO 2

Pesq.: Como é exatamente este processo de restauro atualmente?

M.H.: O araldite vem os dois componente, vem a cola e o secante, a gente mistura parte igual e começa a restaurar quando começa a abrir um arrachozinho pode começar a ir fechando, senão ela vai entrando água, vai apodrecendo, vai abrindo mais, aí vai longe.

Pesq.: E qual o tipo de madeira é utilizada?

M.H.: Pode usar a mesma madeira da canoa, ou então, outra, a garapa, a cedrinho, oiticica, ehheh, ehheh, angelim.

Pesq.: É fácil de encontrar estas madeiras atualmente?

M.H.: É. Estas madeira para recuperar é fácil, porque vem em prancha. Só não encontra tora, tora a gente aqui não encontra, não. Manda vir de fora.

Pesq.: Como estas canoas chegavam aqui?

M.H.: Carreta.

Pesq.: Elas vinham apenas como um tronco escavado?

M.H.: Não. Todas ela vieram pra aqui já preparada. (...) vem igual um tronco, mas elas não vinham com as borda nem as boçarda. Aqui tinha que botá. Algumas vinham sem a patilha, a gente tinha que abrir e botar a patilha. Já algumas vinha já com a patilha pronta.

Pesq.: E a coberta?

M.H.: A coberta a gente fazia. De zinco ou então compensado. Mais pra cavar ela aqui nunca veio nenhuma não. Veio assim, às vezes ela vinha muito grossa, aí a gente dava um acabamentozinho melhor.

Pesq.: E para fazer a borda?

M.H.: Aí vinha outra tábu. As tábu comprava aí na madeireira. Agora as boçarda a gente cortava no morro ou na restinga: aroeira ou sapotiquiaba, ingá e timbó. A gente usava para

fazer a boçarda, que a gente levava o vergalhão, media, o vergalhão fazia a curva da canoa, a gente levava no mato, botava na árvore para ver a curva que tinha, aí cortava aqui fraquejava ela no machado e na enxó para acertar ela.

Pesq.: E a boçarda qual é o motivo?

M.H.: É o acompanhamento da borda.

Pesq.: Tem outras canoas tipo a caiçara que não tem a boçarda. Seria a boçarda mais típica de Arraial?

M.H.: Até em Itaipu, deixa eu ver, até Itaipu eu acompanhei, tinha a canoa com boçarda, até Itaipu. Em Atafona, também eu vi canoa com boçarda.

Pesq.: E a boçarda tem alguma relação em dar velocidade a mais na canoa?

M. H.: Não! A velocidade na canoa depende do remadores e a canoa mais leve. Tem o beque e tem a boçarda. Quer ver, vamo olhar aqui pra você entender o que que é (me leva até as canoas que estão em frente ao seu paiol aguardando para serem consertadas) deixa eu ver, esta aqui. Este aqui é o beque, aí aqui já é a boçarda. A gente corta uma tora, a gente corta ela, vem grossa, aí aqui a gente risca, serra ela, de uma faz duas, de uma tora faz duas banda dessa, ou três, ai vai fraquejando o resto, e lá a ponta é a asa. Se a canoa for todas as duas o mesmo peso todas as duas vai andar igual, navegar igual. Se alguma for mais leve, a mais leve vai navegar melhor. A [canoa] “Ayda” memo já ela, levaram para a Praia dos Anjos, ela ganhou 3 (três) corrida seguida, era mais leve que corria na praia era ela. Aí a quarta corrida já levaram a [canoa] “Bacurau”, que a “Ayda “não pode ir, a “Bacurau” ganhou também que era mais leve que a “Ayda”, e os remador também era bom. Agora se você botar um remador ruim nela e botar uns bom na outra (inaud), os remador é que manda, pra fazer a velocidade. Agora isso aqui é a patilha, isso aqui é pra levar ela em linha reta.

Pesq.: Quais as ferramentas utilizadas atualmente no restauro das canoas?

M.H.: A enxó, plaina, formão, serrote, arco de puiá e agora nem usa, e mais toda elétrica, plaina elétrica, furadeira. Usava arco de puia na época eu tenho até aí dois, eu até vou doar um para o Paulo levar lá para Chonca.

Pesq.: Para o Museu Escola Naval?

M.H.: Sim. Tô com dois ali, tem duas plainazinhas manual.

Pesq.: Quanto tempo leva aproximadamente um restauro de uma canoa?

M.H.: Depende do tempo. Aquela lá já era para estar pronta há muito tempo. (...) porque o difícil pra mim é a cola que tem que misturar a quantidade certa e botar dentro da racha da madeira, até aí eu coloco, eu boto a mão, vejo onde tá ela, mas eu vou botando a cola, mas

para misturar pra mim não dá, tem que ver a quantidade certa. Se misturar uma mais do que a outra, ela não vai secar, vai emborrachar, não seca, aí não cola.

Pesq.: Então esta seria a maior dificuldade do senhor, misturar a cola?

M.H.: A maior dificuldade pra mim é isto, misturar a cola. Se tiver um pra misturar, eu faço, eu faço. Tendo um pra misturar eu faço tranquilo.

Pesq.: Por exemplo, aquela canoa que está aí sendo restaurada, quanto tempo demoraria para ficar pronta?

M.H.: O material tando tudo na mão eu levava 15 dias para entregar ela pronta, 15 dias. Essazinha de Zezinho aí, eu dei a ele dez dias, mas não levo isso não, levo dez dias não. Eu sou assim, se eu te falar tal dia eu te entrego, eu vou entregar. Aí eu pego, se chegar alguém pra conversar, eu não paro não, to fazendo o serviço, tô conversando, mas tô prestando atenção no serviço.

(Entrevista com M. Harildo, 19.03.2020)

Logo no início da sua fala, M. Harildo comenta sobre o processo de restauro. Pude assistir parte do processo de restauro da canoa “Trovão” (antiga “Furador”). Nesse processo, M. Harildo utiliza um formão, ferramenta utilizada por carpinteiros e entalhadores, para retirar as partes que estão podres na canoa e logo estas partes são preenchidas com uma mistura de cola araldite com pó de serra. Para tanto, precisa da ajuda de um assistente para misturar a cola, já que a dosagem dos componentes tem que ser exata. Ele comenta ao final do excerto 2 (dois) que sua maior dificuldade no restauro é exatamente o processo de misturar a cola, o que mostra a necessidade de pessoas que venham aprender e atuar com ele. Mesmo com a dificuldade em misturar a cola ele não pára, e realiza outros ajustes de peças que se encontram deterioradas, nos quais utiliza a plaina elétrica para ajustar as partes quebradas e/ou substituir por novas peças de madeira (figura 6).

Segundo Hazanaki e Roque (2019, p.93-94), “os consertos incluem substituição de peças quebradas e remendos nas partes parcialmente danificadas, processo que, segundo alguns artesãos, é mais complexo do que a própria confecção da canoa” e requerem métodos e habilidades que poucas pessoas possuem. Estas qualidades específicas, associadas às transformações no modo de vida trazidas pela modernidade, configuram mais um empecilho para a continuação e preservação desta arte secular.

M. Harildo ajusta as peças de madeira para encaixar nas partes quebradas, colando-as com a mistura de pó de serra e araldite, sendo necessário, posteriormente, que as peças de madeiras adicionadas sejam igualadas à original, lixada e pintada.



Figura 6: M. Harildo restaurando a canoa “Cação” (Acervo pessoal).

Segundo M. Harildo, as madeiras utilizadas para reparo são a garapa, a cedrinho, oiticica e angelim. Segundo ele, as boçardas são adereços encontrados nas canoas de Arraial, Atafona e Itaipu. A boçarda é a peça de madeira arredondada na frente da canoa, e era colocada quando as canoas chegavam na região, complementando a borda e aumentando a altura da frente da canoa. Antigamente se retirava da restinga a madeira para se fazer a boçarda, porém, conforme aponta Garcia (2012), devido às leis ambientais atualmente é necessário ter uma autorização para a retirada de árvores. O pesquisador ressalta, porém, que sempre houve consciência ambiental por parte dos mestres em relação ao manejo do corte, sempre preservando a árvore. Atualmente, são utilizadas pranchas de madeiras adquiridas nas madeiras.

Em este mesmo trecho M. Harildo menciona sobre as corridas das canoas e que a “Ayda”, foi muitas vezes campeã. Ele inclusive ganhou algumas competições remando com a

“Ayda”, que era de seu pai e atualmente pertence à sua família. As corridas de canoas eram tradicionais em Arraial do Cabo e contava com a distribuição de prêmios para os ganhadores. Seria interessante, inclusive, a retomada desta competição como uma ação de valorização e salvaguarda das canoas de boçarda e continuidade desta tradição.

M. Harildo comenta também que antigamente utilizava como ferramentas o machado e enxó, para a retirada das madeiras a serem utilizadas para as bordas e boçardas das canoas. Estas ferramentas eram usadas por comunidades pré-históricas para a construção de canoas monóxilas, conforme aponta Németh (2011, p.4) nesta citação de Dauto Oliveira, “os machados e os enxós da idade da pedra foram essencialmente os meios de produção para as comunidades pré-históricas tardias que já dominavam a arte de escavar árvores com o uso do fogo para utilizar o tronco oco resultante como meio de transporte”. Ainda segundo Németh (2011, p.6), o “enxó, pequena enxada com lâmina de pedra, concha ou jade para entalhar madeira foi o que permitiu este avanço náutico. (...) considerado um instrumento religioso e sagrado pelas civilizações marítimas da Polinésia”.

Além das bordas, outros acessórios eram adicionados quando as canoas chegavam em Arraial do Cabo, como o beque e/ou bico de proa, utilizado para amarrar a corda da canoa; a asa que fica na popa, utilizada pelo mestre para subir na canoa; e a patiha, conforme explicado no excerto anterior.

As ferramentas utilizadas no restauro de uma canoa são em grande parte ferramentas básicas usadas no dia a dia da carpintaria, com exceção dos equipamentos elétricos, que fornecem maior agilidade na execução do restauro. Sobre as ferramentas tradicionais, M. Harildo cita o enxó, o formão, o serrote, o arco de puia e a plaina manual. Conforme aponta Németh (2011), o enxó tem a função de cavar e é a ferramenta essencial na arte de feitura de canoas e foi um dos primeiros instrumentos feito pelo homem, atualmente é feito com lâmina de metal. O formão é utilizado para o entalhe de madeira e acabamento. Pode ser encontrado em diferentes medidas e formatos, que vai desde o tradicional reto até o goiva, que é côncavo e bastante utilizado para entalhe artístico na madeira, sendo utilizado por M. Harildo na feitura das miniaturas de canoas de boçarda. O arco de puia é utilizado para furar, quase não sendo mais utilizado nos dias atuais, tendo sido substituído pela furadeira. M. Harildo também utiliza bastante a plaina elétrica que veio a substituir a plaina manual e serve para nivelar a curvatura da madeira e dar acabamento. Ou seja, novamente, vemos M. Harildo citando, contando e falando com muita propriedade sobre conhecimentos, petrechos, recursos, ferramentas e um saber-fazer relacionado ao Patrimônio Cultural da pesca na Prainha que deve ser preservado e

exaltado. A seguir, podemos observar as ferramentas utilizadas por M. Harildo nas respectivas figuras 07 e 08 apresentadas a seguir:



Figura 7: M. Harildo com algumas das suas ferramentas. Da esquerda para direita: serra, martelo, gróssi, formão, goiva, lixa redonda para lixadeira (Acervo pessoal).



Figura 8: Ferramentas tradicionais: enxó, arco de puia e serrote (Acervo Pessoal).

Ainda sobre as canoas de boçarda, no próximo trecho, M. Harildo fala sobre as canoas da Prainha e o planejamento de restauro delas.

EXCERTO 3

Pesq.: Quantas canoas têm na Prainha?

M.H.: (...) 10 canoas.

Pesq.: 10 canoa total? Tem também umas canoas menores não é?

M.H.: Tem uma pequenina. Mas canoa de rede mesmo só tem estas dez. Canoa de rede que pesca durante o dia são nove canoas.

Pesq.: Quantas serão restauradas?

M.H.: Todas vão ser consertadas. Só tá dando um tempo para terminar esta para ir levando e trazendo a outra.

Pesq.: Os donos das canoas recebem incentivo para restaurar estas canoas?

M.H.: A colônia que tá bancando tudo.

Pesq.: Então todas as canoas de Arraial do Cabo serão restauradas?

M.H.: Daqui da Prainha vai ser toda reformadas. A Colônia tá dando o material, mandou cola, prego, essas madeira que eu tô fazendo é tudo a Colônia que mandou.

Pesq.: E aqui na Prainha quantas canoas estão pescando atualmente?

M.H.: Todas. Só tem uma mesmo que tá parada, aí tem outra substituindo ela, é a “Ayda” e a “Cação” que pesca no lugar da outra “Cação”, que vai ser arrumada também.

Pesq.: O senhor acredita que as canoas estão desaparecendo?

M.H.: Da Praia Grande desapareceu bastante, que quebrou, se estragou eles foram tirando. Aqui sumiu, desapareceu duas, três (...). As que tá desaparecendo é que se acabou-se, não teve mais jeito. Não sei porque, se foi falta de recuperar, se acabou-se “Aliançinha”, a “Rumbuda” se acabou-se, “União” se acabou-se, “Flor do Douro” se acabou-se memo, “Aliança” se acabou-se e a “Galeão”.

Pesq.: Acabou porque não tinha mais jeito ou falta de cuidado?

M.H.: Jeito tem, é falta de cuidado. Que a canoa só não tem jeito memo quando a lateral dela podrece, quando acabou memo, acabou a lateral não tem mais jeito, mais quebrou a poupa dela tem jeito, quebrou o fundo tem jeito, e a lateral dependendo do jeito que ela acaba tem jeito de recuperar. A “Bacurau” mesmo, o Chonca falou que não tinha mais jeito e eu recuperei. (...) ele veio cá e olhou: ‘rapa como é que você deu jeito nesta canoa?’ eu digo: ‘eu devagarinho consertei, levantei ela’, tá lá tá pescando. E aí depende do jeito que ela caba o encolamento dela, que ela quebrou um pedaço na lateral dela de 2m, uns 2,5m ou 3m de comprimento. Aí eu cortei, fui tirando o que tava estragado e metendo ali pra cima, aproveitou. Só não aproveita se cabar a lateral mesmo, não tiver como pregar, num guentar prego mais, se guentar pregar prego tem jeito. Na Praia dos Anjos, todas ela que tá lá pesca. No Pontal, eu não vou lá não, mas acho que todas que tão lá pesca.

Pesq.: Me fale um pouco sobre a canoa Bacurau?

M.Harildo: a canoa “Bacurau” foi a primeira canoa que pisou em Arraial do Cabo. (...) tá aqui na Prainha, tá pescando. (...) eu acredito que ela tenha uns 160 ano (...) mais de 120 eu garanto que tem, porque eu já era garoto eu ouvia falar que ela tinha muito mais de 80 ano.

(Entrevista M. Harildo – 19.03.2020)

De acordo com M. Harildo, todas as canoas da Prainha serão restauradas. Até o presente momento, 2 (duas) canoas já foram restauradas a “Cação I” e a “Trovão”. As próximas canoas a serem reformadas são a “Cannã”, “Cação II” e “Pindorama” que encontram-se em

frente ao seu paiol da pesca aguardando a chegada de material. O restauro de todas as canoas está sendo financiado pela Colônia da Pesca Z5, que, segundo Araújo (2018), é financiada com recursos oriundos dos passeios de barcos na Marina dos Pescadores. Posteriormente, fiquei sabendo, que a colônia não auxilia à todos os donos de canoa, sendo que um empresário local dono de 4 (quatro) canoas da Prainha não foi contemplado, e ele é um dos donos de canoas mais empenhados em dar prosseguimento aos reparos e grande responsável pela continuidade dos mesmos.

De acordo com a fala de M. Harildo, o maior problema em relação à deterioração das canoas está na Praia Grande, provavelmente, por ser a praia que sempre teve maior número de canoas e quase não haver mais pescaria atualmente. Inclusive, vale citar, que atualmente se pesca muito mais na Prainha, diariamente, do que na Praia Grande, que sempre foi um dos pontos principais da pescaria com canoas no estado do Rio de Janeiro. Além disso, algumas canoas da Praia Grande acabaram sendo levadas para outras praias. M. Harildo cita também a falta de cuidado por parte dos pescadores em relação às canoas. Eles voltam da pescaria e não se preocupam em recolocar a canoa na areia de forma adequada, muitas vezes batendo com ela, em pedras ou na areia. São constantes os pequenos reparos referente ao fundo da canoa.

Atualmente, na Prainha, encontram-se 11 (onze) canoas. Das 11 (onze) canoas, 5 (cinco) estão pescando, 3 (três) estão sendo restauradas, 2 (duas) precisam de pequenos reparos e 1 (uma) está completamente deteriorada na praia. Quando ele conta que, somente 9 (nove) canoas pescam durante o dia, está se referindo a prática do “dia da vez” estabelecida nas praias de Arraial do Cabo, que se refere à organização das companhias de pesca em dias estabelecidos para pescar. Nem todas as canoas estão eventualmente pescando, porque algumas delas possuem o mesmo dono e eles acabam usando a mesma canoa dias seguidos, devido a facilidade de não ter que mover outra canoa ou reposicioná-la.

No final deste trecho da entrevista M. Harildo conta que consertou a “Bacurau”. Em esta fala, ele demonstra sua experiência, maestria, dedicação e paciência em restaurar uma canoa, que até mesmo o experiente Mestre carpinteiro naval Chonca já havia dado por perdida e veio conferir por não acreditar que tinha jeito. Não desmerecendo a importância da história e do conhecimento de diferentes canoas de Arraial do Cabo, “Bacurau”, certamente, possui uma representatividade singular. Isto porque a canoa “Bacurau” é provavelmente o bem cultural mais antigo de Arraial do Cabo e encontra-se pescando na Prainha. De acordo com estudos realizados pelo Jardim Botânico do Rio de Janeiro, a canoa Bacurau é “um exemplar de grande dimensão de cedro (*Cedrela* sp., *Meliaceae*). [...] A madeira provavelmente foi extraída de antigas formações da floresta atlântica do norte fluminense. Possivelmente as canoas de

boçarda mais antigas vieram de Barra de São João (RJ) rebocadas pelo mar [...]”(BARRETO *et al.*, 2019, p.29).

Para M. Harildo, quase todas as canoas têm jeito de consertar e ele devagar vai restaurando, em uma ação de suma importância para manutenção do Patrimônio Naval e Cultural de Arraial do Cabo, não desistindo facilmente diante das dificuldades no restauro.

Atualmente, a canoa “Bacurau” tem a cor azul, borda vermelha, e fundo preto; e está sem nome. Originalmente, esta canoa pescava na Praia Grande e sua cor original era verde com a borda amarelo e fundo marrom. M. Harildo como um Mestre Sabedor” que restaura canoas, possui o conhecimento histórico das canoas da Prainha e de grande parte das canoas de Arraial do Cabo. Acessando sua memória ele consegue identificá-las por nome, local de origem, tipo de madeira, cor, praia, dono e idade aproximada.

De acordo com os relatos de Mestre Harildo e de observações diretas na Prainha as canoas de boçarda que estão na Prainha são as seguintes: “Trovão” (antiga “Furador”), , “Cannã”, “Cação I”, “Cação II” (antiga “Antonina”), “Bacurau” (antiga “Flor da Barra”), “Ayda”, “Maravilhosa”, “Princesa”, “Fabulosa”, “Trovão Azul” e “Pindorama”.

No próximo trecho, M. Harildo nos conta curiosidades sobre as canoas, assim como a história dos nomes e das cores escolhidas.

EXCERTO 4

Pesq.: Como é a história dos nomes das canoas?

M.H.: Alguns botava nome de família. A “Anita” e a “Antonina”, “Herodias” era tudo de uma família só, de Antônio Teixeira.

Pesq.: Inclusive no trevo na entrada de Arraial tem uma canoa em homenagem a “Antonina”.

M.H.: Éeee, Antonina era esposa de Antônio Teixeira, Herodias era uma filha, Anita era outra filha e Morgana era outra filha dele, neta dele. Ele foi botando nome de filha e neta.

Pesq.: O senhor recorda de nomes de algumas das canoas antigas da Prainha?

M. H.: A primeira aqui da Prainha, óh já não existe mais, a “Galiléia”, “Aliança”, “Canoa do Pontal”, “Coca Cola”, “Boa Vista”, “Nazira”, foi cabar lá na Praia Grande, “Galeão” e “Esquenta Pulga”...e “Segredo. E tem “Jardim”, que era nossa também que foi vendida lá pra Iguaba, aí compramo o “Segredo”. Aí “Segredo” se acabou e compramo essa aí. Agora da Praia Grande tem “Flor do Douro”, “Galiota”, “Galeão”, o “Burro”, “Boa Fé”, “Futurista”, “Antonina”, que é esta que esta aí hoje a “Cação II” para recuperar, “Herodias”, “Anita”, “União”, “Rubunda”, “Areia Quente”, “Distreza”, “Mimica”... “Imbiuá”, “Bonito Cachorro”, a “Onça”, “Carvão”, “Preta (...)”.

Pesq.: E as cores eles que escolhiam também?

M.H.: Escolhiam as cores, isso aí qualquer cor que escolhiam eles botavam. Era verde, preto e vermelho; verde, azul e preto; verde, azul e vermelho, era assim. A de José de André a maioria era amarelo em cima, verde no meio, preta no fundo ou marrom. (...) De Antônio Teixeira era preta, azul em cima, branca e preta no fundo. (...) as de Alzemiro era verde, amarelo e marrom também embaixo, de Alzemiro pai.

Pesq.: O Antônio Teixeira era o maior dono de canoas aqui né?

M.H.: Era, e um homem bom pra caramba, tanto pra se pescar como pra lidar com qualquer um, um homem muito bom. Ô velhinho bom...(...) eu aprendi pufiar rede com ele. Entralhar, eu já entalhava que eu aprendi com meu pai e outro amigo dele aqui. A pufiar a rede, juntar, que a gente tem que saber pufiar, que, se deixar um lado caído mais prum lado do que pro outro, fica errado. Tem que trazer certinho, no meio certinho, do jeito de ficar uma vala ali no meio, certinho assim, certinho, que se cair mais um pouquinho pra cá, pra fora, pra dentro não faz erro não, pro lado do corte, mais pro lado de fora faz erro, não pesca direito não, aí ele tava consertando a rede até desta canoa preta, eu, ele, André e seu Zeca Gaio, aí nós tava lá na praia arrumando ali em frente à uma casa que tem na beira da praia, na Praia Grande, uma casa grandona. Tem duas. Já viu ali? Depois do Chonca, ali pra baixo, duas casa grande que tem ali.

Pesq.: Sim. Tem um barzinho ali agora.

M.H.: Ali era de um tal de Gordo Sima ele que trazia as canoas para Arraial, trazia lá da Bahia. Era parente de Zé Sima, que comprava pra Cabo Frio e ele comprava pra cá. Foi dos primeiro pra trazer canoa pra vender aqui. Aí a rede ficava ali em frente a esta casa na beira da praia

Neste último trecho, M. Harildo nos conta um pouco da história dos nomes das canoas que eram usados de forma a homenagear membros da família e/ou pessoas estimadas, citando como exemplo as canoas de Antônio Teixeira, que colocou os nomes das filhas e esposa. No trevo da entrada de Arraial do Cabo tem uma réplica da canoa “Antonina”, a original encontra-se na Prainha, porém com a mudança de dono o nome foi alterado para “Cação II”. Ter vivido, conhecido e poder contar as histórias das canoas de boçarda de Arraial, com destaque para aquelas da Prainha, citando inclusive seus nomes, configura um aspecto da importância cultural de M. Harildo como Mestre Sabedor. Quando ele menciona as canoas antigas com mais de 100 anos, ele recebeu esta informação dos pescadores mais antigos de Arraial do Cabo e guarda consigo essa memória. Ele resgata essa memória diariamente em seu trabalho de carpintaria

naval. Ele mexe nas canoas, ele restaura, ele tem interesse em conhecer a história destas canoas.

Atualmente, grande parte das canoas está sem o nome e muitas também mudaram o nome devido principalmente à troca de dono. É comum mais o nome do dono da canoa do que o da canoa, o que, infelizmente, aponta para uma perda dessas memórias, história e patrimônio. Pensar que os nomes das canoas estão relacionados aos nomes das famílias antigas de Arraial do Cabo e aos pescadores tradicionais artesanais é compreender esses nomes e suas histórias como parte do Patrimônio Cultural de pesca local e os pescadores que conhecem tais histórias e tradições, como Mestres Sabedores. Nesse sentido, quando M. Harildo nos fala dos nomes de algumas canoas, nos conta sobre suas cores acessamos, em sua fala, a história, a cultura e parte do patrimônio cultural de Arraial do Cabo.

No final do trecho, quando M. Harildo comenta que aprendeu a pufiar rede com Antônio Teixeira, um dos mais antigos pescadores de Arraial do Cabo e dono de canoas, ele resgata e reaviva essa memória e essa tradição. Neste trecho, M. Harildo também revela que, possui os conhecimentos relacionados à feitura de redes de pesca. Os termos “pufiar” e “entralhar” estão relacionadas com a arte de se fazer uma rede de pesca. M. Harildo veio a me explicar, posteriormente, que o termo pufiar se refere a juntar um pano de rede ao outro, já que, uma rede grande utilizada na pescaria com canoas é composta de 4 (quatro) tipos diferentes de malhos, que precisam ser costurados uns aos outros e para tanto precisam estar alinhados de forma a não apresentar nenhuma alteração após a rede ser molhada.

O termo entralhar se refere ao tipo de costura realizada no malho da rede preso a corda, que é a extremidade da rede. Uma rede grande pode ter o comprimento de 120m a 150m e a feitura de redes é uma arte que engloba detalhes referentes a tamanhos específicos de tipos de pano e cálculos complicados. Atualmente, quase não há produção de redes grandes e sim o restauro das redes que são utilizadas diariamente nas pescarias com canoas. Diferente do pescador atual que só pesca e não sabe como costurar uma rede, a habilidade que M. Harildo desenvolveu, diz respeito a curiosidade e interesse que ele tem em aprender. A relação de M. Harildo com Antônio Teixeira nos mostra a necessidade das relações intergeracionais em repassar o conhecimento, o que não deve estar restrito a laços consanguíneos e sim extensivo a toda a comunidade. A relação entre as gerações, de certa forma está sendo interrompida, até mesmo na família de M. Harildo, não tem nenhum pescador, ninguém pesca, nem os filhos, nem os netos.

No excerto em seguida, vamos analisar como M. Harildo, mesmo com os problemas de visão, consegue manter a tradição de restauro de canoas. M. Harildo sofre de glaucoma

causado pela exposição excessiva à luz solar e enxerga apenas vultos há 19 anos. Ele viveu toda sua vida à beira mar costurando redes e pescando.

EXCERTO 5

Pesq.: E qual o seu segredo de restaurar uma canoa sem enxergar?

M.H.: Eu vou pelo tato que desde de novo eu fazia isso. Eu faço pelo tato. É igual a rede se eu pegar uma rede pra fazer eu ainda faço na agulha.

Pesq.: Como o senhor faz no manuseio com ferramentas diversas?

M.H.: Nunca levei uma martelada no dedo, nunca. Antes eu já levei martelada, passei serrote no dedo, a plaina já me cortou. Que a plaina não corta, raspa, mas chegou a raspar, raspou este dedo aqui assim, mas graças a Deus, agora não, que eu boto a mão em cima daquele dedo e seguro no outro. Passo duas vezes, eu boto a mão na madeira, tá boa, pára, se não tá, eu vou de novo e vou indo.

Pesq.: Tem que medir também o tamanho da madeira, não é?

M.H.: É. A medida, eu ponho a madeira e bota um prego, que eu não enxergo pra ver o metro, nem trena, se tiver alguém pra medir, ou junto comigo, agora, se não tiver aí eu boto um prego na ponta onde vai começar e boto pra cá. Se não tiver ninguém pra cortar, eu boto, calcula onde vai cortar, bota a lâmina da serra ali, aí prega uma guia da madeira encostada a lâmina no batente da máquina e lá prego também e vou embora. Aí, quando tem gente que quer ajudar, vamo vambora.

(Entrevista com Mestre Harildo – 19.03.2020)

M. Harildo, a partir da sua experiência e prática diária desde os 22 anos, conseguiu manter o seu ofício de carpintaria naval. Mesmo com a perda da visão, ele desenvolveu habilidades próprias e conseguiu se reinventar em algumas práticas, ele não usa régua, criou um método próprio para marcar, tirar medidas e cortar madeiras. Observando o seu trabalho na atividade diária, a cegueira jamais foi um impedimento para a continuidade do mesmo, M. Harildo mantém o bom humor e não se autodiscrimina seja trabalhando com parceiros seja trabalhando sozinho. Ele se mantém como um trabalhador exímio e digno, ele sabe onde tudo está guardado no seu paiol da pesca, não usa bengala, nem cão guia, chega sozinho ao trabalho e sabe exatamente como acertar o caminho de casa.

Além de possuir um sentido extraordinário da audição, ele consegue detectar a emoção na voz de quem conversa e sabe dizer se a pessoa está com problemas, se está triste e/ou se está falando a verdade, seja os aprendizes, ou seja os parceiros.

No próximo excerto, M. Harildo fala sobre quem são os carpinteiros navais atuantes em sua modalidade em Arraial do Cabo.

EXCERTO 6

Pesq.: Quantos carpinteiros navais atuam em Arraial do Cabo?

M.H.: Pra conserto? (...) Só tem eu e o Chonca (.) e o filho de Alexir que começou lá com o Chonca também, só tem nós três.

Pesq.: E para fazer caíco?

M.H.: Só tem eu e Chonca (.) este menino e Tamico na Praia dos Anjos. Só tem nós. Se a gente morre, acabô, ninguém faz. (...) Ninguém, não querem, não querem nada, só querem droga, só querem cachaça. Agora tem um andarilho aí, que tá até me ajudando. Um rapaz bom pra caramba.(...) o jeito dele, ele aprende facinho, facinho.

Pesq.: Mais e os cabistas?

M.H.: Eles não querem não, não sei o que que eles tem, que eles não querem fazer, não querem aprender .

(Entrevista M. Harildo - 01.10.2019)

Neste trecho, ele diz que, atualmente, somente ele e M. Chonca, na Praia Grande, desempenham a atividade de restauro das canoas de boçarda e que ele, M. Chonca e M. Tamico são os únicos a ainda construírem caícos no município. Estas falas demonstram a urgência da necessidade de transmissão dos saberes-fazeres tradicionais do núcleo de pesca cabista à nova geração. M. Harildo é de fundamental importância para a continuidade da pescaria com canoas em Arraial do Cabo, se ele para de restaurar as canoas, estas canoas que já estão se perdendo, se perdem, ele é o mantenedor desta atividade. Sem ele e M. Chonca não haverá continuidade da pescaria com canoas. As canoas são objetos que requerem manutenção constante, pois sofrem ação direta do mar, do sal e do sol, além da falta de cuidado no manuseio destas embarcações, por parte de alguns pescadores.

Ele mesmo, afirma que a pesca vai acabar sem sucessores para sua profissão. Ele tem 75 anos de idade e até o momento não conseguiu transmitir o seu saber para a nova geração que, como ele mesmo afirma se encontra envolvida em drogas e álcool. É evidente a insatisfação que ele sente perante a dificuldade de encontrar jovens aprendizes interessados em aprender um ofício. O alcoolismo é um grave problema enfrentado no seu dia a dia com alguns frequentadores do seu paiol de pesca que passam o dia inteiro por ali bebendo. Faltam

projetos institucionais educadores na cidade que valorizem estes saberes e, principalmente, falta suporte por parte das instituições da cidade para apoiar o pescador tradicional, tanto na prática diária como na implementação de oficinas, cursos e atividades voltadas à cultura pesqueira da cidade.

Chegado a esse momento de análise, pude compreender, a partir das conversas com M. Harildo, que o seu saber tradicional abrange diversas artes: o restauro das canoas de boçarda, a fabricação dos caícos, a feitura dos petrechos de pesca como as redes utilizadas nas pescarias com canoas e o conhecimento dos cardumes de peixes. Pudemos observar, no seu paiol da pesca, seu trabalho como carpinteiro naval no restauro das canoas de boçarda e fabricação de caícos, bem como realizar disseminação e manutenção de conhecimentos acerca da pesca artesanal e da história das canoas de boçarda da Prainha e de Arraial do Cabo. Além de conhecer um pouco da sua trajetória pessoal na pesca do município.

Mesmo não indo pescar, M. Harildo tem uma participação atuante na pescaria com canoas em Arraial do Cabo. Diariamente, ele sabe quanto deu de peixe na Prainha, ele é quem muitas vezes liga para o dono da canoa vir para buscar o peixe. Ele é uma autoridade e tem conhecimento das regras que regem o seu território da pesca, seja na carpintaria, seja na participação do comprador de peixe, seja na participação do dono da rede, seja na canoa, seja no preço, tipo e quantidade de peixe.

A formação dele como profissional da pesca, como pescador, vai além da própria pesca. Ele é um trabalhador nato. O trabalho tem um grande significado na vida dele, não se vê ele sem trabalhar. Ele não está apenas atrás do peixe em si. Ele restaura canoas, constrói barcos, faz remos, pescou durante toda a vida, já salgou e escalou peixe. Ele não se atém a simplesmente entrar em uma companhia, ir pescar e receber seu quinhão. A atividade pesqueira para ele é uma atividade completa.

Os Mestres Sabedores dizem respeito aos Mestres do município e M. Harildo se relaciona com o *Circuito* como sendo o Mestre que está na Prainha, e que a partir dos seus saberes, das suas vivências com outros pescadores tradicionais, da sua memória sobre as canoas de boçarda, do seu ofício de carpintaria naval, o qual pratica há mais de 50 (cinquenta) anos, mantém viva a tradição da pesca artesanal, na Prainha. A atividade do M. Harildo independe do funcionamento do “Circuito”. Todos os dias as 7h da manhã, ele já está em plena atividade no seu paiol e na área externa adjacente, com suas ferramentas de carpintaria, lixando, parafusando, restaurando, empregando pessoas e ensinando “a qualquer um sem ver a quem”. Nunca faltou trabalho a ser feito, sendo o trabalho essencial em sua vida. Ele acorda de manhã e sabe exatamente o que tem que fazer, que é manter esta cultura ativa, a cultura viva, seja

restaurando as canoas de boçarda, seja construindo os caícos, ou seja, fazendo as miniaturas de canoas.

Ele pode ser encontrado todos os dias no seu paiol da pesca, onde também vende gelo, conserta cadeiras de praias, organiza coleta de latinhas e recicla peças em alumínio e cobre. Mestre Harildo Francisco (cf. figura 09) é uma pessoa de fé, guardião da história local e dos saberes tradicionais da cidade. Ele possui uma extrema habilidade na carpintaria naval, praticando-a com extrema maestria e dedicação e está pronto para ensinar a quem quiser aprender.

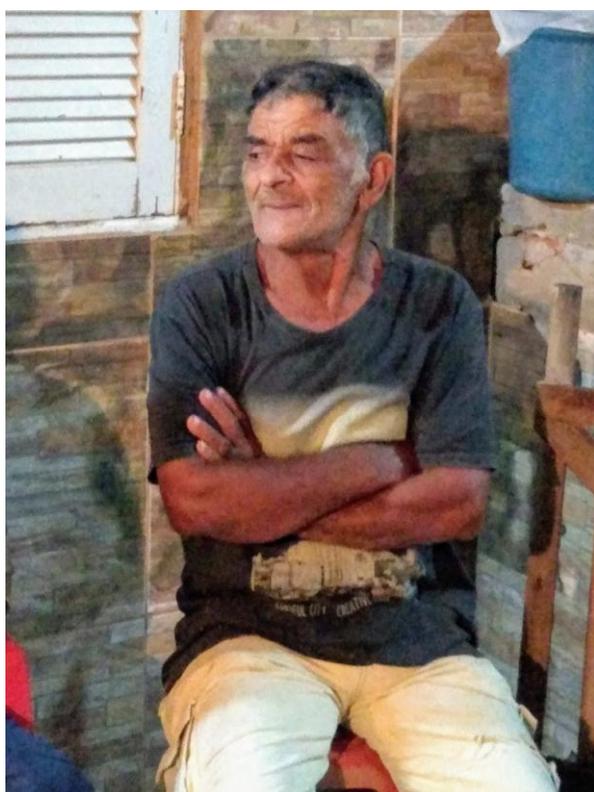


Figura 09: Mestre Harildo Francisco dos Santos (Acervo pessoal).

Sem um Mestre não tem nada não é? Que tem que ter o Mestre, é igual o aluno tem que ter o professor para ensinar, tem que ter o Mestre para ensinar a fazer, sem o Mestre não tem nada, sem o professor também não tem, eu tô ali pronto para poder ajudar a qualquer um que quiser vir aprender, mais eles não querem, não querem não (Mestre Harildo – 01.10.2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa visou refletir como a voz e os conhecimentos do M. Harildo Francisco se relacionam com a proposta do *Circuito dos Mestres Sabedores da Cultura Popular*. O presente estudo foi desenvolvido a partir do levantamento de informações das atividades desempenhadas no paiol da pesca de M. Harildo, no bairro da Prainha, em Arraial do Cabo, trazendo elementos da sua história de vida pessoal, como pescador artesanal e carpinteiro naval do município.

O *Circuito dos Mestres Sabedores da Cultura Popular* é uma homenagem em vida aos Mestres Sabedores de Arraial do Cabo, que são os tesouros da terra e guardiões da memória local; e visa a valorização da cultura popular e do Patrimônio Cultural da pesca em Arraial do Cabo. M. Harildo está relacionado ao *Circuito* por ser um Mestre, que possui saberes e conhecimentos, acumulados na sua trajetória de vida, relacionados a pescaria com canoas de boçarda do município. M. Harildo é um homem de muita importância dentro da sua comunidade, ele participa e colabora para que o *Circuito* seja uma forma de resistência cultural dentro de uma sociedade que sofre com a especulação imobiliária e a desordem do litoral brasileiro. Ele mantém vivo o conhecimento local. A proposta do *Circuito* tem uma fundamentação teórica, M. Harildo é a cultura viva em si mesmo, por sua própria existência e modo de vida. Ele é o Mestre, é a figura, é o homem, que detém um saber. Assim como os outros Mestres que fazem parte do projeto do *Circuito dos Mestres Sabedores*. Arraial do Cabo ainda tem alguns outros Mestres da pesca da geração de M. Harildo, na faixa de 70 e 80 anos, que possuem a memória bem apurada do que aconteceu na pesca no município, que viveram estas memórias e/ou as receberam diretamente dos seus antepassados.

Ele atuou grande parte de sua vida como pescador artesanal desempenhando todas as funções no companha da pesca; é dono de 2 (duas) canoas de boçarda; e é um dos únicos carpinteiros navais especializado em restauro de canoas no município.

No decorrer da pesquisa, M. Harildo manifestou o desejo de realizar oficinas de miniaturas de canoas de boçarda, que ele se refere carinhosamente como canoinhas, para crianças. Além das canoinhas, M. Harildo pretende ensinar aos seus jovens aprendizes, o restauro de canoas e a feitura de caícos. Ele também possui o projeto de colocar os nomes dos antigos pescadores da Prainha nas canoinhas, de forma a reviver as antigas companhas de pesca. Para esta etapa da sua atividade será necessário a implementação de uma oficina/galpão na frente do seu paiol (mesmo local utilizado nos dias atuais para restauro de

canoas e construção de caícos, que atualmente é um espaço na calçada a céu aberto), sendo um projeto reivindicado por M. Harildo há algum anos.

Atualmente ele fica muitas vezes impossibilitado de trabalhar na constante dependência do tempo, como sol quente, chuva e vento. A revitalização do espaço de trabalho do M. Harildo e a implementação da oficina para alunos podem promover a inserção profissional da própria comunidade local com atividades profissionais ligadas à pesca tradicional como a carpintaria naval e a feitura de redes de pesca, inclusive agregando alguns pescadores mais velhos, que não pescam mais e passam o dia pela Prainha.

M. Harildo também aguarda a reforma do seu paiol de pesca, prometida há algum tempo pela Administração Municipal. Os paióis se encontram deteriorados e são parte do Patrimônio Cultural de Arraial do Cabo.

De acordo com as visitas realizadas no paiol de M. Harildo, fica evidente que as instituições presentes em Arraial do Cabo, tanto a nível municipal como federal, que têm o pescador como sua figura principal, não o valorizam e não fazem investimentos nas práticas e estruturas relacionadas à pesca no município. Muitas vezes nem os próprios frequentadores respeitam o local. Acreditamos que isso se deve à falta de projetos sociais na cidade que incluem a valorização desta cultura e pela falta de cuidado por parte dos órgãos municipais em zelar por locais como a Prainha. É possível que a revitalização do espaço com a montagem de uma oficina possa de fato proporcionar um ambiente propício para realização de atividades profissionais e educacionais, atrair novos frequentadores e incentivar aos moradores a zelar pelo território da pesca artesanal e enxergá-lo como um importante ponto cultural da cidade.

Como encaminhamentos dessa pesquisa e futuros trabalhos de pesquisa a serem desenvolvidos, gostaria de destacar que a primeira estratégia é elaborar um projeto arquitetônico que seja fidedigno às reais necessidades de M. Harildo e buscar apoio para a construção do mesmo.

Sugiro a retomada do projeto de parceria entre o *Circuito dos Mestres Sabedores da Cultura Popular* e a Secretaria de Educação de Arraial do Cabo, previsto no Edital do *Circuito dos Mestres Sabedores*, englobando inicialmente as escolas situadas na Prainha, como o CIEP e o IFRJ – campus Arraial do Cabo. O *Circuito dos Mestres Sabedores* poderia ser incluído no currículo das escolas do município, aproximando a educação com a cultura local e trazendo a academia para dentro da comunidade. O *Circuito* pode funcionar como um mecanismo educativo, como forma de levar este conhecimento cultural para as escolas e instituições, contribuindo na formação de cidadãos que conhecem e respeitam suas origens; além de salvaguardar este saber para as próximas gerações.

Os maiores desafios que se apresentam no momento para a preservação da cultura popular, no paiol de M. Harildo, na Prainha, são: 1) reforma do paiol da pesca e a construção do galpão para oficinas e reparos. Para tanto é preciso reconhecimento e apoio por parte do poder público; 2) segurança pública na Prainha. Recentemente, houveram alguns atos de violência praticados na Prainha, o que pode afugentar e dissipar a continuidade da produção e manutenção cultural; 3) ensinar crianças e membros da comunidade a arte de carpintaria naval. Este desafio pode ser facilmente superado com a instalação da oficina desejada por M. Harildo, já que o local atual não oferece estrutura adequada para receber escolas e visitantes; 4) investimentos por parte do poder público municipal e federal em ações e projetos na Prainha. O bairro da Prainha encontra-se destruído por atividades alheias à própria pescaria.

Mesmo diante de tantos desafios, a cultura resiste e se faz presente dentro de uma desorganização social, na qual encontramos uma colônia desorganizada e uma associação de pescadores não associados. Existem muitas divergências e diferenças, que não são participativas, inclusive relacionadas a própria municipalidade. M. Harildo não recebe apoio institucional de nenhuma parte.

Dentre todos os potenciais podemos destacar 1) preservação da memória, promovendo o elo de ligação entre gerações, dos mais velhos com os mais jovens; 2) continuidade da atividade pesqueira; 3) geração de trabalho e renda para os jovens carpinteiros navais; 4) parceria com escolas de Arraial do Cabo e região promovendo oficinas de “canoinhas” e visitas acompanhadas pelos professores das instituições; 5) desenvolvimento de um turismo de base comunitária contendo um roteiro cultural da pesca. Esta ação pode promover a inserção da comunidade local no turismo a partir de seus saberes-fazeres tradicionais.

Mesmo depois de já ter gerado os dados desta pesquisa, continuei acompanhado e frequentando o paiol do M. Harildo e, a título de atualização dos processos, mesmo durante o período de isolamento social devido a COVID-19, M. Harildo não parou suas atividades e esteve a frente de diversos projetos tendo realizado no período de 6 (seis) meses o restauro completo de uma canoa, a “Trovão”, a feitura de 5 (cinco) caícos, a fabricação de 16 remos, enquanto também, se dedica à feitura de canoinhas, se mantendo em plena atividade profissional.

Desde abril de 2020, fazemos parte de um pequeno grupo de amigos que apoia a oficina do Mestre Harildo. No dia 06 de agosto, seu aniversário de 75 anos, foi instituída a *Oficina Escola Naval Mestre Harildo* (cf. figura 10), e mesmo sem ter a oficina estruturada para realização da mesma, já foram feitas 33 canoinhas, todas vendidas, inclusive uma foi adquirida por um colecionador de arte residente na Suíça, e já há uma lista de espera para as próximas.

A grande motivação de M. Harildo é ensinar as crianças e almeja tirá-las da rua e dar-lhes a oportunidade de terem um ofício e uma especialização profissional. Desta forma, a partir da transmissão do seu legado ele contribui para a continuidade do seu ofício, para a salvaguarda da patrimônio cultural material e imaterial da pesca artesanal, e reafirma a identidade cultural de Arraial do Cabo. A oficina é uma forma de salvaguarda do patrimônio do município, através de um resgate cultural baseado na arte, na educação, e na renovação dos princípios herdados dos antepassados.



Figura 10: Oficina Escola Naval Mestre Harildo. Na foto da esquerda para a direita: Lívio, M. Harildo, Fernanda, Bernardo e Mônica (Acervo pessoal).

A partir da feitura de uma canoinha, é possível aprender todos os processos que envolvem o restauro de uma canoa, tais como a adição da boçarda, da patilha, de cavernas, de toleteiras, de bancos, de beques, e de remos; além da compreensão de como esta tradição centenária da pesca artesanal é realizada e suas memórias reminiscentes. A arte expressada no ofício do dia a dia e a cultura da atividade pesqueira unidas vêm abrir novas possibilidades.

Pudemos perceber, desde o início das oficinas de canoinhas, que os frequentadores do local começaram a resgatar algo dentro delas. A oficina valorizou todo este esforço de preservação. O trabalho da produção de canoinhas causou interesse e curiosidade, fez com que muitas pessoas sentissem o valor e absorvessem. Até então, percebemos que, todo este movimento de M. Harildo estava se desfazendo no ar, como se a memória estivesse sendo apagada. A cultura de um povo é o que lhe dá identidade, portanto, é importante o resgate do conhecimento cultural dos mais velhos. M. Harildo tem uma verdade, que é manter esta cultura viva!

O paiol da pesca de M. Harildo, atualmente, se estende ao funcionamento da *Oficina Escola Naval Mestre Harildo*, uma estratégica de salvaguarda da cultura popular estabelecida pelo próprio Mestre Harildo. Consideramos também que, mais importante do que pesquisas que tematizem a importância das canoas de boçarda, M. Harildo precisa de pessoas que estejam presentes fisicamente de forma permanente, auxiliando-o no processo de revitalização do seu espaço, de forma a oferecer uma estrutura digna para dar continuidade à perpetuação do seu saber e do seu ofício. No momento atual, além da produção das canoinhas, M. Harildo segue seu ofício de carpinteiro naval e mestre sabedor se dedicando ao restauro de 3 (três) canoas de boçarda: “Pindorama”, “Cação II” e “Canaã”.

Podemos concluir que o *Circuito dos Mestres Sabedores da Cultura Popular* depende da voz e da ação de M. Harildo, assim como dos outros Mestres participantes. Em paralelo, são necessárias ações integradas por parte de políticas públicas e/ou iniciativa privada na área de educação, cultura, turismo, meio ambiente e desenvolvimento urbano para que a proposta seja devidamente implementada.

REFERÊNCIAS

ABREU, Martha. Cultura Popular, um conceito e várias histórias. In: ABREU, M.; SOIHET, R. **Ensino de História, Conceitos, Temáticas e Metodologias**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra. 2003. 1, 8 e 12p.

AFONSO, M.C.; PINTO, D.C; TENÓRIO, M.C. Arqueologia do Arraial do Cabo – com foco nos sítios da Ilha de Cabo Frio. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, 2010. 132 e 139p.

ALBUQUERQUE, L.M.B. Comunidade e sociedade: conceito e utopia. **Raízes Ano XVII, nº 20**. São Paulo: Annablume/Fapesp, 1999. 52p.

ARAÚJO, D.S.D. et al. **Plantas úteis da restinga**: O saber dos pescadores artesanais de Arraial do Cabo, Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2006.

ARAÚJO, V. P. **A Participação Social na criação de regras para ordenamento do turismo náutico Reserva Extrativista Marinha do Arraial do Cabo –RJ**. Trabalho de Conclusão de Curso no Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais em Áreas Costeiras, Arraial do Cabo: IFRJ, 2018.

BARRETO, P.S. *et al.*. As canoas de boçarda em Arraial do Cabo (RJ). In: HAZANAKI, N.; MELO JUNIOR, J.C. F. de; KRUEL, V.S. da F. (Orgs.). **Árvores e madeiras na cultura naval tradicional**. Joinville: Univille, 2019. 17, 29p.

BARRETO, P.S. **Circuito dos Mestres Sabedores da Cultura Popular. Proposta para a chamada de projetos de Educação Ambiental - ano 2017**. Arraial do Cabo: ICMBio, 2017. 3p.

_____. **Oficina de Carpintaria Naval Tradicional (Reparos de canoa de boçarda) de Arraial do Cabo/ RJ**. Arraial do Cabo: .Ministério da Cultura/IPHAN, 2015c.

_____. O Museu que queremos. Rio de Janeiro, 2019. 5p.

_____. **Primeiro Relatório de Atividade Mestres Sabedores da Cultura Popular. II Semana Fluminense de Patrimônio**. Arraial do Cabo, 2012.

_____. **Relatório de Atividades do Circuito dos Mestres Sabedores da Cultura Popular.** Arraial do Cabo: MMA/ ICMBio/ Projeto PNUD BRA/08/023, 2018.

_____. **Relatório sobre o Patrimônio Imaterial e a Chancela da Paisagem Cultural no território da pesca tradicional da Praia do Pontal na Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo - RJ.** Arraial do Cabo: ICMBio/ Projeto PNUD BRA/08/023, 2015a. 20, 74 e 85p.

BERNARDES, L. M. e C. e BERNARDES, N. A pesca no litoral do Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Geografia.** Rio de Janeiro, v.12, n.1, 1950. 25 e 26p.

BUARQUE, A. et al. Histórico e principais resultados do projeto de investigação das populações pré-históricas do Rio de Janeiro. **Arquivos do Museu Nacional.** Rio de Janeiro, 2004. 122p.

BRASIL **Decreto s/nº de 20 de janeiro de 1997.** Dispõe sobre a criação da Reserva Extrativista Marinha do Arraial do Cabo, no município de Arraial do Cabo, Estado do Rio de Janeiro, Brasília, art .2º, 1997. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/DNN/Anterior%20a%202000/1997/Dnn5025.htm. Acesso em 03.03.2019.

BRASIL. ICMBio. **Turismo de base comunitária em unidades de conservação federais: caderno de experiências.** Brasília, DF: ICMBio-MMA, 2019. 20p.

BRASIL. Ministério da Cultura. Secretaria da Cidadania e da Diversidade Cultural. **Plano Setorial para as Culturas Populares.** 2 ed. Brasília, 2012. 23p.

BRASIL. **Decreto nº 6.040 de 07 de fevereiro de 2007.** Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Brasília, art. .3º, 2007. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm. Acesso em 05.02.2020.

BRESSAN, F. O método do estudo de caso. **Revista Administração on line** [On Line]. FECAP, Vol. 1, n.1, jan./fev./mar. 2000. 2p. Disponível em: http://www.fecap.br/adm_online/art11/flavio.htm <http://www.fecap.br/adm_online/>. Acesso em 18.03.2020.

BRITTO, R. C. DE C.. **Modernidade e Tradição – construção da identidade social dos pescadores de Arraial do Cabo/ RJ.** Niterói: EdUFF, 1999. 16, 23 e 71p.

CARNEIRO, A. M. M.. **Rede Interativa para a Gestão Compartilhada da Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo.** Rio de Janeiro: COPPE/UFRJ. [2006?]. 3p.

CASTRIOTA, L. B. **Patrimônio Cultural: conceitos, políticas, instrumentos**. São Paulo; Belo Horizonte: Annablume; IEDS, 2009. 6 e 7p.

CARVALHO, J., J.; **Sobre o Notório Saber dos Mestres Tradicionais nas Instituições de Ensino Superior**. Cadernos de Inclusão 8. Brasília: INCTI/UNB/CNPQ, 2016. 7 e 8p.

DIEGUES, A.C. **Cultura Marítima, Conhecimento e Manejo Tradicionais na Resex Marinha do Arraial do Cabo**. Projeto Socioambiental e Reserva Extrativista para o Ecodesenvolvimento-Arraial do Cabo (RJ). Programa Petrobras Ambiental. Arraial do Cabo: COPPE/UFRJ, 2007. 6p.

ARRUDA, R. S. V.; DIEGUES, A.C. (Orgs.). **Saberes Tradicionais no Brasil**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, São Paulo: USP, 2001. 71p.

CHARTIER. “Cultura Popular”: revisitando um conceito historiográfico. Tradução: Aoene-Marie Milon Oliveira. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.8, nº16, 1995. 179-192p.

EAGLETON, T. **A ideia de cultura**. Tradução Sandra Castello Branco.. São Paulo: UNESP, 2005. 9, 43, 52 e 53p.

FERREIRA, M. A. G. “Eu tirava conclusão de uma nuvem pra outra”. Uma reflexão sobre histórias, saberes e culturas da pesca artesanal em Arraial do Cabo. **História Oral**, Arraial do Cabo, v. 1, n.15, 2012. 13 e 25p.

FERREIRA, M.A.G. e FIALHO, R.M. **Nas redes de saberes e histórias**. Rio de Janeiro: União Nacional de Autores, 2013. 15, 33, 45 e 63p.

FERREIRA, M.A.G. “Nós não somos feministas. Só queremos ser reconhecidas como pescadoras”; interseccionalidades e performances narrativas de pescadores negras em Arraial do Cabo. **Revista Linguagem em foco**, Fortaleza, CE, v.11, n.2, 2020. 151p.

GARCIA, R.A.G. Resgate da tradição do mestre restaurador de canos: a pesca artesanal de Arraial do Cabo. In: CALDASSO, L.P.; VALLE R.; VINHA.V. **Governança em Reserva Extrativista Marinha**. Rio de Janeiro: PoD, 2012. 63 e 67p.

HAZANAKI, N.; MELO JUNIOR, J.C. F. de; KRUEL, V.S. da F. (Orgs.). **Árvores e madeiras na cultura naval tradicional**. Joinville: Univille, 2019. 15 p.

HAZANAKI, N; ROQUE, T.V. Com um pau só não se faz uma canoa: técnicas e uso de madeiras na construção e no reparo de canoas monóxilas no litoral de Santa Catarina. In:

HAZANAKI, N.; MELO JUNIOR, J.C. F. de; KRUEL, V.S. da F. (Orgs.). **Árvores e madeiras na cultura naval tradicional**. Joinville: Univille, 2019. 78, 93 e 94p.

HERCULANO, S. O clamor por justiça ambiental e contra o racismo ambiental. **INTERFACEHS – Revista de Gestão Integrada em Saúde do Trabalho e Meio Ambiente**, São Paulo, v.3, n.1, artigo 2, jan./abril 2008. 2 e 17p.

IPHAN. **Projetos Barcos do Brasil**: Diretrizes para um Plano de Preservação e Valorização do Patrimônio Naval de Arraial do Cabo (RJ). Brasília, 2011. 5, 16 e 17p.

LINSKER, R.; TASSARA, H. **O mar é uma outra terra**. São Paulo: Terra Virgem, 2005. 29p.

LONDRES, C. In: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). **Patrimônio Cultural Imaterial**: Para saber mais. 3. ed. Brasília: IPHAN, 2012. 5p.

LUDKE, M. e ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MENDONÇA, T.C.M. et al. Turismo e pesca nas Reservas Extrativistas Marinhas de Arraial do Cabo (RJ) e da Prainha do Canto Verde (CE): possibilidades e limites de complementaridade. **Caderno Virtual do Turismo**, Rio de Janeiro, v.13, n.3, 2013. 379 p.

NÉMETH, P.S. **O feitio da canoa caiçara de um só tronco: A cultura imaterial de uma nação, em 25 linhas**. Dossiê para instrução de processo de registro de bem cultural de natureza imaterial junto ao IPHAN. São Paulo, 2011. 4 e 6p.

NOGUEIRA, A.G.R.; RAMOS FILHO, V.S. 1. Afinal, o que é patrimônio? Conceitos e suas trajetórias. In: **NETTO, R. (Org.) Curso Formação de Mediadores para o Patrimônio**. Fortaleza, CE: Fundação Demócrito Rocha, 2020. 6 e 7p.

PEREIRA, Walter L. **Cabo das tormentas e vagas da modernidade**: uma história da Companhia Nacional de Álcalis e de seus trabalhadores. Cabo Frio (1943-1964) Arraial do Cabo. Tese (Doutorado em História). Niterói: UFF, 2009. 186 p.

PRADO, S. M. **Da Anchoa ao Salário Mínimo**. Rio de Janeiro: Eduff, 2002. 29, 38, 39 e 62p.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ARRAIAL DO CABO. **Estudo sobre diagnóstico físico, financeiro e ambiental do SISMUMA (Sistema Municipal de Meio Ambiente) para avaliação da capacidade de carga no município de Arraial do Cabo, RJ, e a análise da taxa de proteção ambiental (TPA) como uma das medidas para mitigação a análise da taxa de proteção ambiental (TPA) como uma das medidas para mitigação dos problemas relacionados.** Arraial do Cabo, 2017.

RIO DE JANEIRO (Estado). **Lei nº 7790, de 28 de novembro de 2017.** Disponível em: <https://gov-rj.jusbrasil.com.br/legislacao/525946409/lei-7790-17-rio-de-janeiro-rj>. Acesso em 30 de nov. de 2018.

SABERES TRADICIONAIS UFMG. **Notório Saber para Mestras e Mestres dos Saberes Tradicionais é aprovado na UFMG.** Disponível em: <http://www.saberestradicionais.org/notorio-saber-para-mestras-e-mestres-dos-saberes-tradicionais-e-aprovado-na-ufmg/>. Acesso em 20/10/2019.

UNESCO. Digital Library. **Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial.** Paris 2003. Tradução: Ministério das Relações Exteriores: Brasília, 2006. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000132540_por. Acesso em 10.05.2019.

WILLIAMS, R. **Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade.** Tradução de Sandra Gardini Vasconcelos. São Paulo: Boitempo, 2007. 103p.

ANEXO I - Folder Circuito dos Mestres Sabedores da Cultura Popular de Arraial do Cabo

Circuito dos Mestres Sabedores da Cultura Popular

Os Mestres Sabedores da Cultura Popular são como "tesouros humanos vivos" que possuem conhecimentos, habilidades, artes, práticas, ofícios, maestrias e capacidades de transmitir através da oralidade e do saber-fazer, as experiências e as vivências para novos aprendizes visando à formação, a transmissão e o aprendizado em EA.



Educação Ambiental, com guarnição pedagógica, para o público de estudantes (crianças, adolescentes e jovens) e na visita de moradores, visitantes e turistas. Em particular, para os pescadores tradicionais, a restinga, as praias de praias, os costões e o ambiente marinho ordenam os ciclos e os recursos vitais da pesca na construção das subjetividades e das identidades culturais vinculadas às paisagens culturais e naturais.

O Circuito dos Mestres Sabedores da Cultura Popular toma como pressupostos os vínculos e os sentidos de pertencimento aos lugares; à salvaguarda, preservação e reconhecimento dos saberes-fazeres relacionados à pesca tradicional; à memória coletiva e a oralidade na valorização das diversas manifestações do patrimônio cultural local. A presente proposta tem como objetivo estratégico dar visibilidade pública ao "Circuito" com estruturas interpretativas, expostas como um "pequeno museu", a céu aberto, fixadas nas paredes (internas e externas) dos paíes, ateliês, oficinas, espaços culturais e nas residências, entre outros, nos bairros e nas praias da cidade.



O "Circuito" é um convite à troca, a vivência e o compartilhar sobre os ofícios, os saberes-fazeres e as maestrias tradicionais. O mesmo está alicerçado em pesquisa social com a presença, envolvimento e a participação de mestres sabedores da cultura popular, pescadores e moradores antigos da cidade. Foi originalmente apresentado na II Semana Fluminense do Patrimônio, em agosto de 2012, com apoio do PHUD/ICMBio/RESEXMar Arraial do Cabo. Este primeiro encontro fez um marco inicial para os distintos mestres sabedores, tendo como pressuposto o diálogo aberto, construtivo e interativo com o público da cidade de Arraial do Cabo e das cidades da Região dos Lagos.



O "Circuito" atual, tem novo aporte do PHUD/ICMBio/RESEXMar Arraial do Cabo e busca envolver inicialmente 10 (dez) grupos e/ou pescadores tradicionais. O desdobramento deste projeto tem o intuito de gerar trabalho e renda a partir da oferta de roteiros em TBC - Turismo de Base Comunitária no compartilhar das experiências e das vivências entre moradores, visitantes e turistas. Sugere-se agendamento prévio, com preço justo, nas visitas individuais e em grupo. Para maiores informações, encaminhar e-mail para mestres.sabedores@gmail.com.

Sala Expositiva Mestre Chonca

A "Sala expositiva Mestre Chonca" do Museu Escola Naval está localizada na Praia Grande e tem por objetivos básicos contribuir para a salvaguarda da pesca tradicional nos territórios dos "Portos das Canoas" das praias de Arraial do Cabo (RJ). O Museu Escola Naval é uma iniciativa em pesquisa social e em etnobotânica com foco na memória, no inventário, no registro e na documentação audiovisual através do saber-fazer do mestre carpinteiro naval Wilson Luiz da Silva (apelido "Chonca") com a participação de membros do grupo autogerido de "Barco do Pau dos Velhos" além de outros mestres sabedores da cultura popular, pescadores e moradores antigos da cidade.



A "Sala expositiva" do Museu Escola Naval é composta atualmente por vitrine com dezenas de objetos e ferramentas da carpintaria naval e de miniaturas de "canoas de boçardas" (empréstadas ou doadas) feitas por mestres sabedores da cultura popular, pescadores e moradores antigos da cidade de Arraial do Cabo. A mesma possui banners adaptados - com imagens e textos históricos -, sobre a pesca de amarra de biera da praia. A "Sala expositiva" foi inaugurada, no dia 21 de setembro de 2016, com a participação atuante do ICMBio - Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade/RESEXMar AC e do Conselho Municipal do Meio Ambiente/Secretaria de Meio Ambiente de Arraial do Cabo.

- ATELIÊ COLETIVO POLVO DO MAR**
Atende ao público aos sábados, no horário comercial. Agendamento no local.
Travessa José Pinho de Macedo, 63 - Praia (Morro do Gambá).
- ATELIÊ DE CULTURA E TURISMO Ilustrador e Faleiro (Memorialista)**
Atende ao público de quinta a domingo, no horário comercial. Agendamento por e-mail mlrandafalho@hotmail.com ou WhatsApp (22) 999848458.
Av. Leonel Moura Brito, 40 (Em frente ao Cemitério da cidade).
- CENTRO ESPÍRITA DA PRAIA (A PRAIA)**
Atende ao público, quinzenalmente, às segundas e aos sábados à noite.
Agendamento por WhatsApp (22) 9985-19700.
Travessa do Restaurante Todos Prazeres, 10 - Praia (Ladeira em frente ao paíel dos pescadores da Praia).
- COOPERATIVA DAS MULHERES PESCADORAS, ADUCCADORAS E ARTESAS DA PRAIA - SOL, SALGA E ATEI (Miquart)**
Agendamento no local. Aberto ao público aos sábados, das 10h às 16h.
Localiza-se na Subida da Marina do Cabo, 09 - Praia.
- SALA EXPOSITIVA MESTRE CHONCA**
Atende ao público de terça a sexta-feira, no horário comercial.
Agendamento no local.
Rua Epitácio Pessoa, 01 - Praia Grande (Em frente ao "Porto das Canoas").
- PESCADOR HARILDO (Mestre Carpinteiro)**
Atende ao público aos sábados, ao longo do dia. Agendamento no local.
Localiza-se no paíel da Praia da Praia (Paíel do Harildo).
- PESCADOR MOACYR (Pescador Artesanal)**
Atende ao público aos sábados, ao longo do dia. Agendamento no local.
Localiza-se no paíel da Praia do Portão ("Companha" do Mezey).
- PESCADOR TAMIÇ (Carpinteiro Naval)**
Atende ao público de segunda a sexta, ao longo do dia. Agendamento no local.
Localiza-se no paíel da Praia dos Anjos (Paíel do Tamiç).
- PESCADOR TOTOINHO (Contador de Causos e Faleiro)**
Atende ao público aos sábados, no horário comercial. Agendamento no local.
Localiza-se no paíel da Praia do Portão (Paíel do Totoinho).
- PESCADOR "WALSIR" (Contador de Causos)**
Atende na sua casa para pessoas em embarcação turística com dias e horários previamente agendados por WhatsApp (22) 999182102.
Localiza-se na Rua Gonçalves Dias, 02, na Praia dos Anjos (Próximo à Praia do Góia).

Circuito dos Mestres Sabedores da Cultura Popular



PESCADOR HARILDO (CARPINTEIRO NAVAL)



O mestre pescador e carpinteiro de embarcações Harildo Francisco nasceu em Arraial do Cabo, em 1945. Filho de uma família extensa de pescadores advindos da Praia de Pernambuco, em Arraial do Cabo. É dono de “canoa de boçarda” e Pai de Santo do Centro Espírita Pai José do Congo, na Prainha. Oferta-se serviço de construção de caíco e reforma de “canoas de boçarda”, além da venda de balde de gelo.

Atende o público aos sábados, em horário comercial. Agendamento no local. Localiza-se na Praia da Prainha (“Paiol” do Harildo).

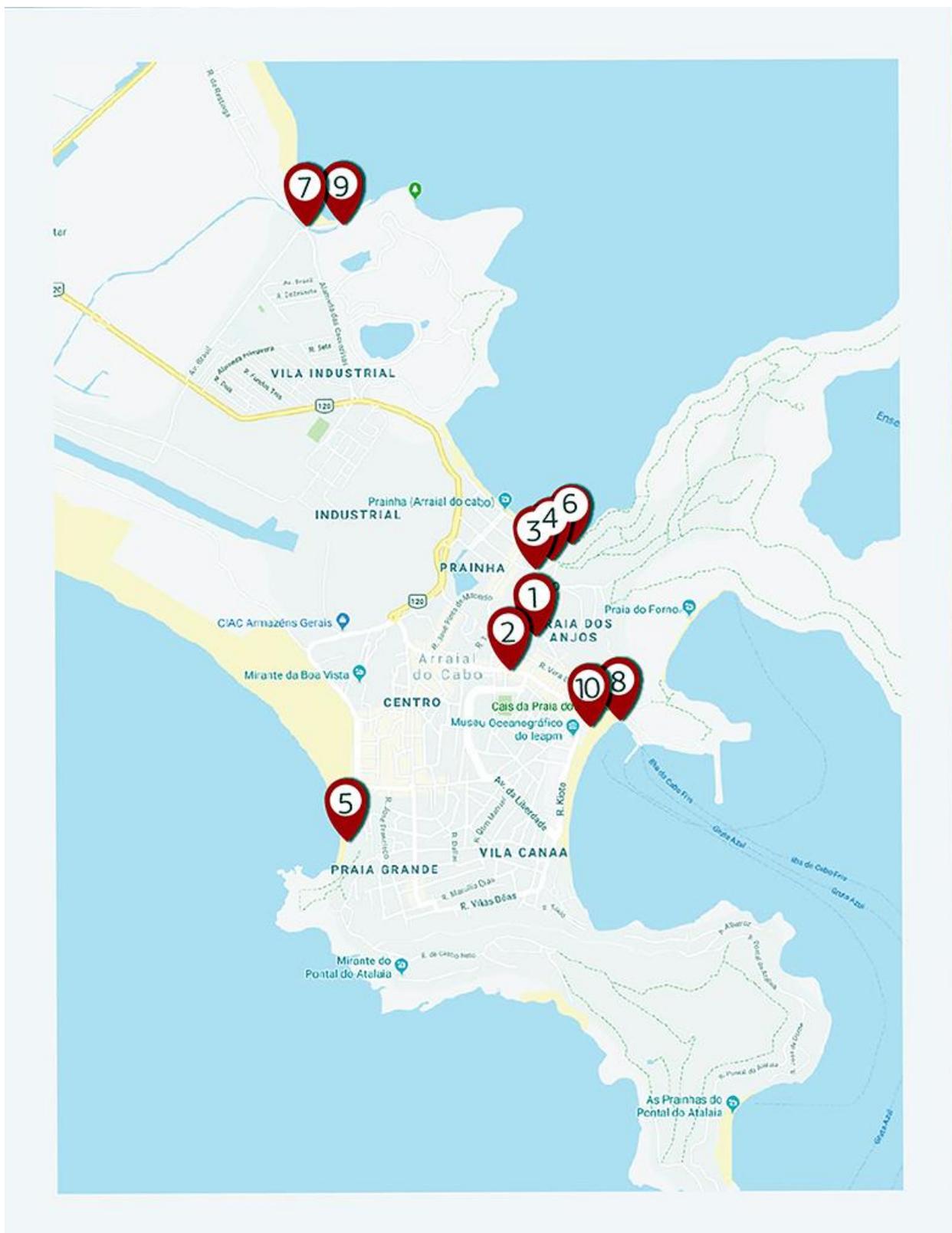
Realização



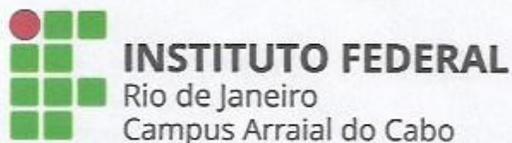
Apoio Institucional



ANEXO III – Mapa do *Circuito dos Mestres Sabedores da Cultura Popular*



ANEXO IV – Termo de Consentimento Entrevista



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Meu nome é Mônica Aguiar e sou estudante da Pós Graduação em Ciências Ambientais em Áreas Costeiras, do IFRJ. O senhor está sendo convidado a participar da pesquisa "Desafios e potenciais da preservação da cultura popular: reflexões sobre um Mestre Sabedor da Prainha". Esta pesquisa tem por objetivo refletir sobre a representatividade do Mestre carpinteiro naval Harildo Francisco para o patrimônio cultural de Arraial do Cabo dentro da proposta do "Circuito dos Mestres Sabedores da Cultura Popular". Pretende-se fazer um levantamento das práticas culturais relacionadas à pesca artesanal do Mestre Harildo, bem como de algumas das suas expectativas e demandas.

Os dados obtidos por meio desta entrevista são confidenciais e serão utilizados para fins de pesquisa e educação. Sua contribuição é muito importante. Solicito sua autorização para utilização da sua fala, imagem e nome real no meu projeto acadêmico. Estarei a disposição para qualquer esclarecimento em qualquer etapa da pesquisa. O senhor receberá uma cópia deste termo com o contato do pesquisador.

Declaro que entendi os objetivos da pesquisa e os objetos da minha participação. Concordo em participar.

Arraial do Cabo, 19 de março de 2020
(Data)

Entrevistado: Harildo Francisco dos Santos
CPF: 435.859.789-19 Contato: (022) 997001940

Assinatura: [Assinatura]

Pesquisadora: Mônica Aguiar
CPF: 036.380.276-271 Contato: 22 99916 9877
Assinatura: [Assinatura]

ANEXO V - Roteiro de Entrevista

Entrevista Mestre carpinteiro naval Harildo Francisco

1. Como gostaria de se apresentar?
2. Há quanto tempo mora na Prainha?
3. Com qual idade começou a pescar?
4. Com quem o senhor aprendeu a pescar?
5. Já participou como membro da companhia de pesca?
6. Qual era a sua função na canoa?
7. Como o senhor começou o seu ofício de carpinteiro naval?
8. Quem restaurava as canoas antigamente?
9. Aprendeu com eles?
10. Como é feito o restauro das canoas?
11. Qual é o tipo de madeira utilizada?
12. Como as canoas chegavam em Arraial do Cabo?
13. Quantas canoas têm na Prainha?
14. Quantas canoas da Prainha serão restauradas? Quantas estão pescando?
15. Acredita que as canoas estão desaparecendo?
16. Como é a história dos nomes das canoas? Lembra dos nomes de algumas delas?
17. Qual o seu segredo de restaurar uma canoa sem enxergar?
18. Atualmente quantas pessoas restauram canoas em Arraial do Cabo?
19. Existem sucessores para dar continuidade ao restauro de canoas e construção de caícos no município?
20. De que forma poderia ser apoiado pelas instituições da cidade? Quais são suas demandas?
21. Continua fazendo as “canoinhas”?
22. Como seria a oficina com alunos?
23. Acredita que existe alguma discriminação por parte das instituições públicas desde o início do povoamento de Arraial do Cabo em relação à Prainha comparada com as demais praias de Arraial do Cabo?